

# *Ele está morto, Jim*

Um romance de **Marc Boisson**



## **O autor**

**Marc BOISSON** nasceu em 1962. Diplomado em Literatura latino-americana, viveu no Peru, em Madagascar e no Brasil. Mora atualmente na Cidade do México onde ocupa a função de Representante Geral da Fundação Aliança Francesa.

## **Site do autor**

[www.marchoisson.fr](http://www.marchoisson.fr)

## **O romance**

*Ele está morto, Jim* conta a história de um caminho espiritual. Professor de história na Universidade Católica de Lima, no Peru, Jim Rosso decide fazer uma última pesquisa que o levará a explorar a vida após a morte. Agnóstico, Jim não imaginava que esse estudo o levaria a rever totalmente sua concepção da existência. Marcado pelo discurso comum entre as espiritualidades, o personagem vê sua pesquisa científica transformar-se pouco a pouco em uma busca pela essência da vida que o leva de Lima, no Peru, até o Caminho de Compostela, na França e na Espanha.

## **ISBN**

978-2-9552899-1-4

## **Capítulos 1 a 6 em português**

Tradução para o português: Lucia Claro

McCoy: "He's dead, Jim."  
Kirk: "Bones, do something!"  
McCoy: "Sorry, Jim, there isn't anything I can do."  
Kirk: "Why?"  
McCoy: "Because he's dead."  
Kirk: "How do you know he's dead?"  
McCoy: "Because there's nothing I can do."  
Kirk: "Because he's dead?"  
McCoy: "That's right."  
Kirk: "But I was talking to him just one minute ago!"

*Star Trek, 1966-1969*

# 1. |

Eu me chamava Jim, Jim Rosso. Morri aos 83 anos, aos pés de uma árvore em uma praça em Lima, no Peru. Antes de descrever o quadro pouco convencional da situação, gostaria de dizer, sem trocadilhos, algumas palavras sobre minhas raízes. Minha família é de origem italiana. Aldo Rosso, meu avô, não havia emigrado por razões políticas. Que forças tem o amor pelo país diante das necessidades econômicas? Quando nasci, meu nome era Jérémy, mas depois, não sei por que acaso familiar ou escolar, passaram a me chamar de Jim. O apelido me agradava.

O jornal La República de sábado anunciava a minha morte. Na segunda-feira, minha companheira, Hedda D'avila, não apareceu na Aliança Francesa, seu local de trabalho. Algo bastante incomum. Seus colegas conseguiram falar com ela por telefone na quinta-feira de manhã. Apesar de manter sua dignidade, era fácil notar que estava muito abalada. Mas eu estava tão bem! Não, não morri dormindo. Foi horrível. Na sexta-feira anterior, eu havia saído de casa provavelmente para passear com o cachorro. À noite, por volta das 17h, a polícia constatou a minha morte. Estava sentado ao lado de uma larga palmeira. Meu corpo havia caído e repousava encostado à árvore. Um exame médico concluiu tratar-se de morte natural, ocorrida entre 9h e 10h. Durante todo o dia, as pessoas que passavam pela praça viram um

homem que parecia cochilar, sem desconfiarem que eu estava morto. O cachorro acabou dando o sinal de alerta, no seu anseio em voltar para casa.

Não, não era possível ir a meu enterro. Ele ocorreu na segunda-feira, “o que já era bem tarde”. Sei que foram essas as palavras que Hedda empregou. Na América Latina, tem-se o hábito de colocar os corpos sem demora em sua última sepultura.

Minha última companheira não tinha a aparência de uma pessoa fácil. Seus cabelos ruivos flamejantes fuzilavam os garçons preguiçosos ao cumprimentá-los nos restaurantes. No volante de seu velho carro, esgueirava-se por entre motoristas menos hábeis, consciente de seus direitos. Ao atingir a maioridade, bem antes de eu a conhecer, havia adquirido outra particularidade: tornara-se fortemente fujimorista, do nome do Presidente que escolhera o papel de ditador em 1992. O Peru terminou por encarcerá-lo e até a sua morte – a de Fujimori - Hedda reivindicava a volta dele ao poder.

No final de minha vida, morava com ela na Punta del Callao, para onde voltávamos, a cada vez que íamos a Lima, em apenas uma hora de viagem com sua habilidade ao volante. Após ultrapassar as grades da pequena casa geminada, entrava-se em um hall sombrio. Mais adiante, havia uma sala cuja luz provinha de uma grande janela que dava para um jardim de inverno salpicado de plantas vigorosas, subjugadas pela poeira limense. Em uma poltrona, encontrava-se um homem idoso, alto e esquelético, que parecia perdido em seus pensamentos. Às suas ordens.

A partir de então, Hedda devia olhar constantemente para a árvore perto da qual me haviam encontrado na Plaza Matriz. Uma praça situada diante de um pequeno café que, por esse motivo, passou a frequentar.

# 2.1

---

Durante a minha juventude, em uma época em que esse hábito não era muito comum, eu era um pouco o globe-trotter da família. Em 1976, havia trocado Paris por Lisboa, onde obtive um Mestrado em História. Em seguida, fui para Barcelona, cidade na qual trabalhei como garçom, e depois para Sidney, onde encontrei um emprego de preceptor junto aos filhos de um diplomata.

Em Lima, tornei-me professor de História. Diziam que eu era bastante popular com os estudantes e um tanto atípico para os parâmetros da Pontífica Universidad del Perú, a PUC. Anteriormente, em meu doutorado, havia escolhido trabalhar sobre o Sendero Luminoso. Estávamos no final dos anos 1980 e tratava-se de um tema da atualidade.

O movimento maoísta, dirigido pelo enigmático professor Abimael Guzmán, o “camarada Gonzalo”, ensanguentava o Peru. Os moradores de Lima viviam ao ritmo dos anúncios de atentados e das notícias de massacres nas zonas afastadas do país. A cidade proibia a circulação entre uma hora da manhã e o nascer do dia. Invariavelmente, o toque de recolher trazia as patrulhas militares. Na curva de uma rua, no meio das praças, os pedestres atrasados defrontavam-se com tanques e militares pouco acolhedores, prematuramente ameaçadores e perigosos em seguida. Os senderistas estavam tão infiltrados na cidade que conseguiam mergulhá-la na obscuridade quando bem entendiam. Nos arredores de Lima, nas

colinas desérticas, grandes fogos de artifício flamejavam repentinamente, desenhando o machado e a foice. Os motoristas de taxi resistentes ao toque de recolher, que os senderistas decretavam em seu braço-de-ferro com o governo peruano, eram selvagememente assassinados. Tudo começara em Lima, de forma sinistra e bizarra. Em uma manhã de bruma, a população deparou-se com cadáveres de centenas de cães. Esses animais sem dono haviam sido pendurados nos postes de eletricidade e seus corpos balançavam com cartazes que anunciavam a luta armada e a morte aos traidores. Quando disse a meus colegas da PUC que estava à procura de um orientador para uma tese sobre o Sendero Luminoso, olharam-me atravessado. Havia um professor de História contemporânea, Luis Galván, que tinha a reputação de ser um homem de mente aberta e independente, e que me recebeu em seu escritório. Isso ocorreu aproximadamente um ano após minha chegada à universidade.

Luis aceitou ser meu orientador e mostrou-se bastante exigente em relação à metodologia e aos prazos.

# 3. |

---

Em 2012, aos 58 anos, vinte e cinco anos após meu doutorado, comecei uma última pesquisa que dediquei... à morte.

Ela começou por um encontro.

Há uma relação estreita entre a morte e o Sendero Luminoso. Observando agora a busca na qual minha pesquisa foi pouco a pouco se tornando, vejo que a decisão de iniciar esse estudo foi meu primeiro ato de liberdade. Quanto mais envelhecia, mais gostava de passear à beira-mar. Costumava ir regularmente ao Malécon<sup>1</sup> Císneros, em Miraflores, onde do alto das falésias abraça-se o oceano Pacífico. Devo dizer que, ao longo dos anos e após um divórcio, havia conseguido comprar um apartamento no bairro de Miraflores, avenida Pardo, a duas *cuadras*<sup>2</sup> do malecón e em frente à Embaixada do Brasil, país que tem seu lugar nesta história.

Na tarde de uma sexta-feira de final de primavera, saí da universidade por volta de meio-dia e fui passear. Comprei uma empanada<sup>3</sup> em uma padaria e me contentaria com ela e uma cerveja cuzqueña<sup>4</sup>. Jantei frugalmente em um banco do parque do Farol. Não era um

---

1 Malecón: paredão do cais, elevado em relação ao mar em Lima.

2 Cuadras: quadras.

3 Empanada: empada geralmente recheada de carne e ovos.

4 Cuzqueña: da cidade de Cuzco.

hábito dos limenses, mas reintegrei rapidamente o modo de vida local ao comprar um sorvete de lúcumas<sup>5</sup> de um vendedor ambulante que caminhava ao lado de seu carrinho amarelo.

Quando voltei em direção a Larcomar, a tarde chegava ao fim. As pessoas que passeavam no local haviam desaparecido. As senhoras brancas de Miraflores haviam retornado aos seus prédios, algumas em cadeiras de rodas empurradas por empregadas mestiças de uniforme. Cruzei somente com alguns corredores. Ao ver um belo pôr do sol se aproximar, parei novamente em um banco, o mais próximo possível das falésias. Não notei imediatamente o homem que estava no banco ao lado. Foi o seu ronco que chamou minha atenção, um barulho irregular que me levou a desconfiar de seu estado de saúde. Era um homem de certa idade que não parecia um indigente. Caso contrário, provavelmente não teria me aproximado. Na América Latina, os mendigos são ainda mais invisíveis do que em outros lugares e, depois de mais de vinte e cinco anos, eu estava integrado ao ambiente. Dizem-me, porém, que na França fala-se mais dos mendigos, mas que eles não são tratados de forma muito melhor. Sua cabeça repousava inclinada para trás. Não fosse por seus roncos, pareceria estar desmaiado. Sacudi-o gentilmente e, em seguida, com mais força. Sem sucesso. Como a indecisão nunca foi uma característica minha, tratei de socorrê-lo. Chamei um clínico geral com o qual costumava me consultar e lhe expliquei o problema. Quando chegou, 30 minutos mais tarde, e assim que lhe mostrei o homem, auscultou-o e, em seguida, tranquilizado quanto ao seu estado de saúde, perguntou-me por que não havia chamado uma ambulância. Mesmo assim, levou-o a seu consultório. No carro, em direção a Surco, disse supor que o homem fosse diabético. De fato, quando voltou a si, indicou a dose que lhe deveria ser injetada. Após a aplicação, como ainda falava com dificuldade, decidi levá-lo à sua casa. Foi preciso insistir para que me desse seu endereço. Ele se viraria bem sozinho, eu não devia me preocupar. Dentro do taxi que nos levava a Lince, soube que se chamava Eduardo Pastor.

- O que aconteceu? O senhor estava passeando e sentiu-se mal?

- Não, não. Não gosto de passear. Estava voltando para casa.

- E sentiu-se mal?

- Não, não, estava muito bem. Estava saindo de uma reunião. Sentei-me um pouco e devo ter adormecido. Não tem problema. Você não deveria ter se preocupado.

Não deveria ter me preocupado, um homem que parecia agonizar! Será que havia esquecido que a injeção o recolocara de pé? Pelo que disse durante o trajeto, encontrava-se todas as quintas-feiras com amigos militares. Não entendi muito bem o que faziam, apesar de o

---

<sup>5</sup> Lúcumas: fruto andino, apreciado particularmente em sorvetes e doces.

homem ser falador e do interesse que suas eventuais discussões políticas poderiam ter para mim. Aparentemente, ele gostava de falar, mas não ouvia as perguntas. Mesmo assim, entendi que as discussões dos veneráveis aposentados eram regadas de bebida.

Uma mulher preocupada esperava por Eduardo. Assim que foi tranquilizada, desmanchou-se em agradecimentos e apresentou-se. Chamava-se Gertrudis.

- Você tem que voltar, disse Eduardo.

- Claro, reforçou sua esposa. Venha almoçar conosco no domingo.

Deixei-me surpreender pelo convite e não tive presença de espírito para recusar. E como achava que meu anfitrião podia ter coisas interessantes para contar enquanto ex-militar, cheguei à conclusão, ao voltar para casa em um ônibus improvável, de que havia feito bem em aceitar.

A refeição dominical não me decepcionou. Esperava me encontrar na companhia de uma grande família. Na verdade, havia apenas uma senhora com idade próxima à de Eduardo

- Minha irmã Elsita, disse ele, apresentando a senhora baixinha e encolhida, que uma extrema discrição caracterizaria ao longo das horas seguintes.

Achei que íamos comer na cozinha quando me convidaram a ir até lá. Era um festival de odores. As cebolas estalavam em uma frigideira enquanto que Eduardo, vestido com um avental, cozinhava vieiras em fogo brando e preparava um *Pisco sour*. Falava sem parar e só fazia uma pausa quando sua voz era encoberta pelo barulho do mixer que batia suco de limão, gelo, açúcar e pisco, esperando pelas claras.

Como eu havia visto, sobre o móvel da sala de jantar, algumas fotos do que parecia ser uma grande família, perguntei se tinham filhos.

- Dois, e três netos, disse Eduardo. Meu filho está em Orlando.

- Há muito tempo?

- Na verdade, ele estudou na Escola militar de Chorrillos, mas foi trabalhar nos Estados Unidos aos 25 anos. Em 92, no pior momento da guerra contra o terrorismo.

- Graças a Deus, disse Gertrudis, ele foi embora nesse momento.

- Sim, esse período foi terrível, afirmei. Eu estava em Lima também. E o que o seu filho faz atualmente?

- Montou uma empresa de transportes que funciona muito bem. Eles têm três caminhões que atravessam o país. Sua esposa trabalha com ele.

- Ela também é peruana?



- Sim, de Lima.

- Vocês não devem ver seus netos frequentemente?

- Glauco nos convida todos os anos, disse Gertrudis, mas como Eduardo não gosta de viajar, muitas vezes utilizo sozinha as passagens de avião que nos oferece.

- Eles também vêm regularmente ao Peru, acrescentou Eduardo. E não gosto de deixar meu país. Estamos bem no Peru. Em que outro lugar vou encontrar a mesma cozinha, diga para mim, Jim?

De fato, ele era casado com um cordon bleu, a menos que fosse Elsitá, a silenciosa, a autora dos ótimos pratos créoles que comemos, em seguida, na sala de jantar, cuja mesa foi posta após termos tomado o aperitivo na cozinha. Ají de gallina<sup>6</sup>, lomo saltado<sup>7</sup> e peixe à chorrillana<sup>8</sup> compunham o menu dominical. Notei que o casal havia mencionado a existência de dois filhos, mas eles nada disseram sobre o segundo.

Eduardo não trazia mais nenhum vestígio aparente de seu problema de saúde. Gostava de contar histórias e o fazia com um certo talento. Os vários casos que contava, ligados ao país do qual se orgulhava, o seu, eram agradáveis de se ouvir.

Ao final da refeição, ficamos sós. Ouviam-se sua esposa e sua irmã que iniciavam uma longa lavagem de louça. Foi então que se referiu ao que lhe tinha acontecido no banco em Miraflores.

- Eu poderia ter morrido, mas não tenho medo da morte. Ou melhor, não tenho mais medo da morte. Desde que quase morri por duas vezes. Foi há seis anos. Aconteceu de forma estúpida; nunca teria imaginado que uma picada de aranha pudesse fazer isso, em plena cidade. Sei, no entanto, que há aranhas perigosas por aqui. Acho que aconteceu quando estava estacionando o carro no estacionamento aqui em frente. Nessa época, Gertrudis e eu tínhamos dois carros e o dela ficava em nosso pátio. Mais tarde, lembrei-me que havia sentido uma picada na perna. Mas, na hora, não prestei atenção. Ao final do dia, doía um pouco. E durante a noite, fui acordado por estranhos pesadelos. Suava, tinha febre e, quando levantei o lençol, minha perna havia dobrado de volume. Não podia mais colocar o pé no chão. Tinha a impressão de que um ferro incandescente queimava minha perna. Felizmente, um primo de Gertrudis é um dos administradores do hospital Ricardo Palma. Ele conseguiu um leito para mim no Cayetano Heredia, que é especializado em doenças tropicais. Fiquei lá durante 23 dias.

---

<sup>6</sup> Ají de gallina: prato créole (peruano da costa do Pacífico) apimentado e à base de frango.

<sup>7</sup> Lomo saltado: prato créole apimentado à base de carne, de tomates e de cebolas.

<sup>8</sup> Peixe à chorrillana: peixe créole apimentado à base de tomates e de cebolas.

Sem isso, certamente teria morrido. E mesmo assim, quase morri duas vezes. E nas duas vezes, tudo aconteceu da mesma forma. Estava em um quarto com três leitos. Mas antes de contar, acho importante salientar que quando cheguei nesse quarto, a cama ainda estava praticamente quente. É uma forma de dizer, claro, pois haviam trocado os lençóis. Acabavam de retirar o corpo de um jovem que havia morrido. Aconteceu assim. Por volta das 10h, adormeci na frente da televisão. Meu vizinho chamou a enfermeira. Eu havia começado a roncar de forma estranha! Lembro-me perfeitamente do que senti durante todo o tempo em que a enfermeira tentava me acordar. Avançava em um túnel. Mais precisamente, meu corpo escorregava horizontalmente nesse túnel. Havia uma luz verde, não muito forte, em volta de mim. Sentia que algo roçava meu corpo. Parecia uma brisa, mas ao mesmo tempo não era o vento. Era uma sensação completamente desconhecida e agradável. Um prazer que nunca senti nesta vida. Lembro-me também que estava muito calmo, muito relaxado. No meio do túnel, acordei de repente e pouco a pouco vi a enfermeira falando comigo. E ao mesmo tempo em que acordava, senti claramente que alguém se levantava da minha cama. Alguém que ergueu os lençóis e levantou-se. Isso sim me deu medo. E dois dias mais tarde, aconteceu a mesma coisa, praticamente no mesmo horário, mais uma vez diante da televisão. O rapaz do leito ao lado chamou a enfermeira de novo, pois eu roncava como se fosse sufocar. Foi outra enfermeira que veio me acordar. Ela não disse, mas entendi pela sua expressão que eu estava agonizando. E um pouco antes de despertar completamente, senti de novo que alguém se levantava a meu lado. Agora vou lhe dizer: após ter vivido essas duas experiências, não tenho mais medo da morte. Para mim, será um prazer. O que me dá medo é a velhice e a doença. A morte, não mais, nem um pouco.

“A morte, não mais, nem um pouco”, pensei nisso algumas horas mais tarde, em casa, enquanto fumava um cigarro sentado à mesa da cozinha. No que me diz respeito, ainda estava bem longe desse sentimento. Havia começado a ler os jornais do domingo, que encontrara à minha porta ao chegar, e depois meu pensamento voltou às palavras de Eduardo. Já tinha ouvido falar de histórias parecidas, mas nunca tinha prestado atenção nelas. É possível que nesses outros momentos da minha vida estivesse menos predisposto a escutá-las. Mas, desta vez, o testemunho tinha sido direto e Eduardo parecia acreditar no que contava. Era como se eu me perguntasse: e se tudo isso pudesse ser verdade! Minha incredulidade tinha raízes

profundas. Sobre esse tema, no *Livro tibetano da vida e da morte*<sup>9</sup> que encontrarei mais adiante neste relato, o budista Sogyal Rinpoché escreve: “A dúvida não é uma doença, mas sim, apenas um sintoma da ausência do que, em nossa tradição, chamamos de ‘A Vista’ - ou seja, a realização da natureza do espírito e, conseqüentemente, da natureza da realidade.”

Essa tarde teria mudado a minha vida? Não de imediato, mas foi o início de uma série de coincidências que me levaram a me interessar pela questão do além. Algumas semanas após o almoço na casa de Eduardo e Gertrudis, participei, pela PUC, do Salão Internacional do Livro de Lima. Enquanto passeava pelos corredores da Feira, vi um stand que me fez sorrir. Eram publicações com capas em cores berrantes que tratavam das ciências ocultas. Apesar do sorriso, estava um tanto irritado por essas publicações ocuparem espaço em um salão internacional. No momento em que peguei um livro para ver a dimensão dos danos, uma senhora da minha idade aproximadamente, com um coque no cabelo e uma aparência afável, aproximou-se:

- Gostaria de obter informações sobre nossas publicações? Será um prazer.

- Não... estava só passando. Também sou expositor, no pavilhão da Universidade Católica.

- É professor?

Confirmei.

- Geralmente, os professores não gostam muito de nossas publicações. Sabemos bem disso. Talvez você não tenha esse tipo de preconceito por ser estrangeiro. Eu também fui professora. Na verdade, professora primária.

- E você deixou as aulas para se dedicar às publicações esotéricas?

- Sim, mas, na verdade, aconteceu algo comigo quando era jovem. Não lecionei durante muito tempo. Posso lhe contar se quiser.

- Quero sim. Tudo o que é novo me interessa.

Pareceu-me pouco credível que ela me falasse tão abruptamente de sua experiência. Interpretei o relato como uma vontade de pregar e, neste caso, de vender. Em seguida, atribuí o fato aos encontros que me esperaram ao longo da viagem espiritual em que minha pesquisa se tornou.

---

<sup>9</sup> Esse best-seller foi editado em várias línguas e em vários formatos na França.

- Aos 26 anos, fui vítima de um acidente automobilístico. Levaram-me ao hospital em um estado de quase-morte cerebral. Lembro-me apenas do que me contaram depois. Durante todo o tempo em que estive inconsciente, vivi uma experiência inesquecível.

- Você estava em um túnel luminoso? Digo isso, pois ouvi algo parecido há pouco tempo.

- Sim, o que vivi tem um nome. É até estudado cientificamente. Chama-se “Experiência de quase-morte”. Temos livros que falam sobre isso. O que me lembro é de uma luz forte que me fazia um grande bem. Gostaria de ter ficado, mas voltei.

- Por quê?

- Não sei ao certo. Em todo caso, em dado momento, não sei quanto tempo após o início das visões - tudo o que sei é o que me disseram depois, que estive inconsciente durante quase 23 horas - vi uma menina que não conhecia. Ela dirigiu-se para mim. Era a primeira vez que via alguém e que ouvia uma voz. Disse-me que eu não podia entrar, que devia voltar. Acrescentou que minha hora não tinha chegado. Senti uma grande tristeza. E depois, acordei. Minha vida mudou. Não se sai ileso de uma experiência dessas. A partir de então, decidi ajudar as pessoas a se aproximar desse mundo. É pena que tantos ignorem ou duvidem de sua existência.

Mesmo contra a minha vontade, interessava-me por esse relato, ainda mais pelo fato de haver uma coincidência com o que Eduardo Pastor dissera pouco tempo antes.

- Gostaria de ver um desses livros dos quais você estava falando.

- Se você está descobrindo o assunto, aconselho o livro do Dr. Raymond Moody. É um psiquiatra americano. Ele publicou um livro já faz cerca de 35 anos. Chama-se “A vida após a vida”<sup>10</sup>. Ajudou-me muito. Sua abordagem é científica. Durante mais de vinte anos, recolheu testemunhos de pacientes que haviam vivido uma experiência de quase-morte.

Voltei para casa com o Dr. Moody. Sentia-me quase envergonhado de tê-lo comprado e surpreendi-me olhando discretamente em volta do stand, verificando se algum conhecido da universidade teria passado por lá. O incômodo era o mesmo que sentia na minha juventude quando comprava uma revista pornográfica e meu rosto enrubescia da banca de jornal até meu quarto.

Peguei o livro quase na mesma hora em que cheguei em meu apartamento. Virei-o e examinei-o com a curiosidade e o distanciamento socialmente correto que se deve ter diante de um objeto kitsch... Aparentemente, o livro narrava o caso do que estava traduzido em francês por “quase-morte” ou “morte iminente”. Devia haver uma nuance entre as duas expressões.

---

<sup>10</sup> Edições “J’ai lu”, 2003.

Não comecei a ler o livro imediatamente. Digitei o nome de Raymond Moody na Internet. Naturalmente, o resultado que aparecia era o da Wikipédia. Foi nessa hora que o telefone tocou. O número era o mesmo da chamada recebida durante minha ausência. Era Roberta, minha ex-mulher. Ela me telefonava de vez em quando... Ficava preocupada, não sei bem porquê... Parecia achar que eu tinha dificuldades em viver sem ela. Tínhamos nos separado em condições amigáveis e não fiquei zangado. Desconfiava que ela se sentisse culpada pela nova vida que levava com o companheiro em cuja casa acabara de se instalar. Deixava entender que eu devia fazer o mesmo.

As palavras de Roberta ainda ressoavam um pouco em minha cabeça antes de se apagarem por completo enquanto eu retomava a leitura da página dedicada a Raymond Moody. O artigo dizia que, segundo ele, existiam características comuns às experiências de quase-morte.

“Ele [o indivíduo] sente-se levado com grande rapidez através de um túnel longo e obscuro. Depois disso, encontra-se repentinamente levado para fora de seu corpo físico sem deixar, no entanto, seu ambiente imediato; ele vê seu próprio corpo à distância, como se fosse um espectador (...) outros seres vão ao seu encontro, parecendo querer ajudá-lo; ele entrevê os espíritos de parentes e de amigos falecidos antes dele. E, de repente, uma entidade espiritual, de uma espécie desconhecida, um espírito de cálida ternura, vibrando de amor - um ser de luz - mostra-se a ele. Esse ser faz surgir nele uma interrogação, que não é pronunciada verbalmente, e que o leva a fazer um balanço de sua vida passada. A entidade o ajuda nessa tarefa proporcionando-lhe uma visão panorâmica, instantânea, de todos os fatos que marcaram seu destino. Chega então o momento em que o defunto parece encontrar uma espécie de barreira ou de fronteira, simbolizando o último limite entre sua vida terrestre e sua vida por vir (...) Em seguida, quando tenta explicar a seus próximos o que sentiu durante essa experiência, confronta-se com diversos obstáculos. Primeiramente, não consegue encontrar palavras humanas capazes de descrever de forma adequada esse episódio supraterrrestre. Além disso, percebe que não o levam a sério, o que faz com que desista de se abrir para as outras pessoas.”

A experiência descrita por Eduardo Pastor era mais apurada. Ele havia insistido no túnel e dito que sua vida havia mudado, pois não tinha mais medo da morte. A senhora com um coque na Feira do livro havia vivido uma experiência mais próxima da que foi descrita pelo psiquiatra norte-americano. Meu muro de incredulidade ainda não estava bem abalado. É preciso dizer que ele tinha uma boa espessura.

Acessei, em seguida, um documentário<sup>11</sup> com depoimentos recolhidos por Moody, talvez os mesmos que se encontravam em seu livro. Durante 20 anos, havia coletado esses relatos. Um homem havia sido vítima de eletrocussão e só não fora volatizado pelo simples fato de estar usando sapatos com sola de borracha. O segundo depoimento era o de uma jovem enfermeira que havia se suicidado. O terceiro foi feito por uma senhora de cerca de sessenta anos que sofrera um traumatismo pós-operatório. O quarto caso era o de um psiquiatra que havia sido vítima de uma dupla pneumonia. A quinta pessoa tivera um fim original: empresária de artistas, havia sido atacada por abelhas. O sexto era um russo, como os que se viam nos filmes dos anos setenta: um cérebro dissidente, doutor em psicologia. No momento em que viajava para o exterior, um carro, conduzido pela KGB, o deixara como morto. Em sua experiência de quase-morte, havia encontrado seus pais. Estes lhe contaram que não o haviam abandonado, mas sim, que também haviam sido executados pela KGB. São fatos que não se inventam.

Essas seis pessoas falavam do que se denomina “descorporação”. Assistiam ao que deveria ser seu último diagnóstico. “Ele está indo embora”, “Nós a perdemos”, “Acabou”. Viam seus corpos e os médicos que se agitavam em volta delas. Depois de um tempo, sentiam “um indescritível sentimento de felicidade”. O russo sentia “sua alma e seu corpo perfeitamente livres”. Percebia os pensamentos das pessoas que se agitavam no centro cirúrgico, “podia ver e sentir tudo”. O homem eletrocutado estava feliz por se afastar de seu corpo: “podiam ficar com ele”. “Via meu corpo e o detestava. Não queria voltar para ele” dizia a vítima da KGB. A mulher de cerca de sessenta anos, que sofrera um acidente pós-operatório, havia visitado suas irmãs, juntando-se a elas com a velocidade de um pensamento. Encontrou-as no que há de mais trivial da vida real: as duas estavam fazendo compras. Depois que voltou à vida, as irmãs lhe confirmaram que estavam realmente fazendo compras na hora indicada. O russo havia entrado em contato com crianças (vivas) que ainda não falavam, por meio de “uma comunicação espiritual”. “Uma menina havia quebrado a bacia. Ela chorava muito. Seus pais e o médico não entendiam porquê”. No terceiro dia, ao reintegrar seu corpo, o russo pode explicar o sofrimento da criança. O diagnóstico estava correto.

Nesse momento da reportagem, surgiu uma contradição que agradou a meu bom senso. O entrevistador de Raymond Moody lhe perguntou se essas pessoas não descreviam locais onde já haviam estado. Aparentemente, não era o caso do Dr. Richie, vítima da dupla

---

<sup>11</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=dDNjSRhbwxg>

pneumonia. Durante a experiência, ele havia estado em Pittsburg, no Mississippi. Havia visto um homem entrar em “um bar com fachada branca, em uma esquina. ” Dez meses depois, foi realmente a Pittsburg e reconheceu o bar. Em 1944, o famoso doutor Carl Jung chegou a deixar a Terra e a observar seus continentes e mares. A crise cardíaca substituíra o foguete, ainda não inventado quando os fatos ocorreram.

Bem instalado em uma poltrona dentro de um ambiente acolhedor, o Doutor Moody explicava, em seguida, com uma aparência de médico do interior, que após os deslocamentos as pessoas passavam por um túnel em cuja extremidade havia uma luz intensa. Nesse momento, entendiam que estavam morrendo. Um túnel não muito largo, “que comportava apenas uma pessoa por vez.” Na luz brilhante, a sexagenária havia encontrado “um vale magnífico repleto de flores.” O eletrocutado havia ouvido um toque de sinos antes do túnel. Todos insistiam na sensação de amor que irradiava. Eu tinha sérias dificuldades em levar esses depoimentos a sério; lembrei-me com pavor de um filme brasileiro que havia visto um ou dois anos antes sobre o tema, e que era ainda mais entediante do que as novelas locais<sup>12</sup>. Essas pessoas assistiam, em seguida, ao filme de suas vidas, “do nascimento até os fatos mais recentes”. Tinham a oportunidade de repassar suas vidas em detalhes, mas “não viam necessariamente o que esperavam rever”. Duas delas afirmaram ser ao mesmo tempo atores e espectadores das imagens. E enfim, nenhuma delas havia retornado por prazer. “Geralmente, afirmam que lhes é dada a oportunidade de escolher”, comentava Dr. Moody. Voltavam em geral por saber que se precisava delas neste mundo.

Nos anos seguintes, iria me referir frequentemente a essa reportagem e ao livro de Moody. O fato de ele ser médico, assim como o que vai aparecer nas próximas linhas, e a variedade de pessoas que relatavam experiências de quase-morte levaram-me a concluir que elas não podiam ser descartadas como simples balelas. Havia algo, em algum lugar.

Era tarde quando terminei de assistir ao documentário. Mas como não tinha sono e dormia cada vez pior com o passar dos anos, continuei minhas pesquisas. Elas levaram-me a um novo personagem, aparentemente recorrente na área das mortes eminentes, e desta vez tratava-se de um francês, o Dr. Jean-Jacques Charbonier. Médico anestesista, afirmava que a ciência tinha agora as provas de que havia um estado de consciência após a morte física. Parecia perfeitamente normal e com uma inteligência acima da média, a não ser pelo sotaque do Sudoeste um pouco marcado, reflexão esta que não me trará muitos amigos dessa região da França. Milhões de pessoas no mundo haviam vivido uma experiência de quase-morte. A

---

<sup>12</sup> *O nosso lar*, <https://www.youtube.com/watch?v=3EcOGAxYPHo>

consciência, segundo ele, não seria produzida pelo cérebro. “A sede da consciência está em outro local e um dia conseguiremos prová-lo. No dia em que fizermos transplantes de cérebros, perceberemos que a pessoa com um novo cérebro não é um novo indivíduo. Ela terá a integralidade de sua memória e de sua consciência.” O cérebro não era mais a base da consciência, mas sim o receptor de uma impulsão externa, da mesma forma que um televisor, um rádio ou um telefone. Era realmente original.

O trailer de um filme citado pelo anestesista, *Falsa partida*<sup>13</sup>, explicava que de 15 a 20% das pessoas que haviam estado perto da morte viviam esse conhecido fenômeno. Esses “experenciadores” seriam 20 milhões na Europa e 12 milhões nos Estados Unidos. Em outro vídeo, um homem dava um depoimento à beira de uma estrada francesa onde, em 1989, na noite de São Silvestre, com álcool no sangue e más condições climáticas, fora vítima de um acidente muito grave. Seu carro voou literalmente até o outro lado da estrada. No início, havia se agarrado ao volante e depois soltou-se pensando “finalmente!”. Um jovem falava de uma impressão “de amor incondicional”, de um anjo que lhe aparecera com uma voz grave e um ar sério que contrastavam com suas palavras. Havia sido levado pelo anjo até um local onde pôde avistar sua vida futura, caso decidisse voltar à Terra. Uma pesquisadora-doutora afirmava na mesma reportagem suíça que o fato de que os neurônios determinem a consciência e de que esta termine, portanto, com a morte deles não está provado cientificamente. Retomava-se, em seguida, a porcentagem de pessoas que haviam vivido essa experiência, número que desta vez era estimado em 30%. Mas por que não um número maior? A autora de um livro sobre o assunto explicava que esses fenômenos se aplicavam também àqueles que haviam se aproximado da morte sem, no entanto, ter atingido um início de morte cerebral ou mesmo àqueles que acreditavam ter se aproximado da mesma. “É possível que todo mundo viva uma NDE<sup>14</sup> ao se aproximar da morte, mas também é possível que nem todos se lembrem da experiência.” Um ponto de vista interessante. Ela havia chegado à conclusão de que os relatos não deviam ser tomados ao pé da letra. “Muitas vezes, são relatos infantis que descrevem uma situação paradisíaca.” Seriam imagens terrestres sublimadas, uma encenação por meio de imagens familiares “para que o experienciador possa dar sentido ao que está vivendo”. Não falava do além, mas sim de outra dimensão “que se parece muito com a dimensão calculada pelos físicos quânticos.” A pesquisadora foi ainda mais longe, insistindo nas noções de

---

<sup>13</sup> <http://www.filmsdocumentaires.com/films/1030-faux-depart>

<sup>14</sup> Near Death Experience: em inglês, Experiência de Morte Iminente (e, portanto, EMI em francês.)



metáfora, de realidade sublimada para “expressar algo que não tem nada a ver com nosso cotidiano.”

Já passava de uma hora da manhã, mas continuei navegando na Internet. Era uma hora tranquila. Praticamente não havia risco de que o telefone tocasse para anunciar uma má notícia vinda da França. Revi um vídeo mais longo<sup>15</sup> com um médico anestesista, Jean-Jacques Charbonier, que declarava: “Meu trabalho fez com que me tornasse um profissional bem informado sobre a experiência de quase-morte ou NDE, pois há mais 20 anos cuido de pessoas que se encontram nesse estado; pacientes em coma, mergulhados no limbo de uma dimensão desconhecida, conseguem às vezes voltar à vida após ter passado por uma experiência desconcertante, há também pacientes operados que saem de seus corpos para atravessar as paredes dos centros cirúrgicos [...] Nem tudo o que acontece é necessariamente explicado ou explicável. Por outro lado, o fato de fenômeno parecer ilógico ou aberrante não justifica que se negue sua existência, e, na minha opinião, é uma grande falta de humildade querer afirmar o contrário. O paranormal de hoje será certamente o normal de amanhã.”

Segundo o médico, e ele citava outros cientistas, as experiências de quase morte são dissonâncias cognitivas, ou seja, ignoramos esses fenômenos apesar da existência de provas, pois eles ultrapassam nosso entendimento. Relatava também a experiência involuntária realizada por um neurologista que, durante uma operação, havia provocado em uma paciente um fenômeno de descorporeação ao colocar uma agulha na região do lóbulo temporal direito. “Pronto!”, disse para mim no mesmo instante, o fenômeno ia ser explicado cientificamente. Estava um pouco decepcionado. Mesmo sob anestesia, a paciente começou a falar com o cirurgião e disse-lhe que estava acima dele e que o via muito bem. Ao invés de explicar esses fenômenos como uma simples reação física, o médico via neles a prova de que a descorporeação, ou seja, o fato de se afastar de seu corpo e de manter os sentidos, era um fenômeno real. Eu devia reconhecer que o fato de se ver fora de seu corpo era mesmo estranho. Charbonier contava também o caso de um de seus colegas de trabalho, cardiologista, que havia tido um acidente de barco (mais um caso com um cientista). Ao tentar alcançar seus amigos em outro barco, a canoa na qual se encontrava virou com uma grande onda. Enquanto se afogava, apareceu-lhe a visão de uma mulher. Ao despertar, lembrava-se de sua fisionomia e a procurou. Estava viva: ele a encontrou e passaram a vida juntos.

Sentia-me atraído por essas histórias. No entanto, o horror que tinha do kitsch me afastava delas. Muito amor, muitas flores, muitas reviravoltas românticas.

---

<sup>15</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=6PPzQd6E01M>

Na mesma entrevista, o médico discutia sobre o argumento de que as pessoas que viveram uma experiência de quase-morte podiam ser esquizofrênicas. O paciente que sofre dessa doença tem um comportamento geralmente normal, intercalado com delírios alucinógenos. O argumento não lhe parecia válido, pois os esquizofrênicos geralmente têm um delírio paranoico que não lembra em nada uma experiência de quase morte. Na verdade, são experiências que parecem se opor. “Então por que não considerar esse caso como uma epilepsia que provocou uma alucinação após estímulos nesse famoso lóbulo temporal direito?”, admitia Charbonier para, em seguida, rejeitar a hipótese, pois não se tratava de uma alucinação. Eu torcia para que ele não começasse uma longa explicação científica que teria o dom de me fazer dormir. Passei pelas fórmulas explicativas incompreensíveis que vieram em seguida, antes de me interessar pela história de uma vítima de acidente de trânsito. Atingido por um motorista imprudente, o homem em questão havia plainado sobre a cena do acidente. Ele percebia os sentimentos do motorista. Este tinha muito medo e pensava ter matado a vítima. Não havia testemunha visível e, como imagino que aconteça muitas vezes nesses casos, o motorista fugiu. Mas, ao sair da experiência de quase-morte, a vítima pôde descrever um Ford Fiesta vermelho e até dizer o número da placa do veículo.

O próprio doutor Charbonier havia se comunicado por telepatia. Interessante o fato de ele não ser apenas uma testemunha! Uma paciente em coma estava sufocada e a equipe do médico buscava entender o que a impedia de respirar. Subitamente, o anestesista sentiu que ela lhe enviava uma mensagem dizendo ter algo preso em sua traqueia. A enfermeira não aceitou essa hipótese, afirmando ter tomado todas as precauções para que isso não acontecesse. E, no entanto, Charbonier salvou a paciente extraindo de fato o tampão que a impedia de respirar. Ao despertar, a paciente sabia que era ele que a havia operado, mesmo sem nunca o ter visto antes.

Já eu, não sabia muita coisa quando despertei no final da manhã. O café da manhã durou mais do que de costume. Podia me permitir esse prolongamento, pois só tinha aula à noite na universidade. Será que era possível ter de considerar a vida após a morte como uma verdadeira hipótese? Afinal de contas, do ponto de vista estatístico, era improvável que todos esses testemunhos fossem alucinações.

Apesar de eu ter demonstrado ao longo dos anos um forte bom senso e um ceticismo bem desenvolvido, fazia parte dessas pessoas que desde a infância se interrogavam sobre o sentido da vida. Era provável que essa passagem fosse apenas uma etapa antes do nada

absoluto. Para que serviam então todos esses anos em que o homem respirava, preenchia-se e esvaziava-se, amava e sofria, para depois morrer? E como imaginar o nada, o vazio absoluto?

Essa pesquisa, que eu havia começado conscientemente apesar de não o declarar abertamente, tinha um grande inconveniente. Era intrinsecamente impossível apurar os fatos. Aqueles que haviam voltado da morte, por definição, não estavam mortos. E eu não podia, pelo menos na época, encontrar-me realmente com os mortos para interrogá-los.

Algum tempo mais tarde, retomei o contato com Eduardo e Gertrudis. Em parte, porque os achava simpáticos e também porque queria falar com Eduardo sobre minhas novas pesquisas.

- Venha em casa, disse-me Gertrudis. Não saímos muito, com exceção do Eduardo que vai no seu clube.

- Mas eu queria convidá-los. É a minha vez. Que tal um jantarzinho em Larcomar, com vista para o mar?

- Seria ótimo, claro. Mas, você sabe, o Eduardo... O que você acha de comer *tamales* no domingo que vem? Estava pensando justamente em prepará-los no sábado. Domingo estarão prontos e garanto que são deliciosos.

Disse a Gertrudis que não duvidava nem um pouco. E já que não conseguia convencê-los, aceitei o convite.

Retomei com prazer ao caminho de Lince no domingo seguinte. A avenida Pardo de Miraflores, por volta de meio dia e meia, tinha cada vez menos corredores e cada vez mais pessoas passeando a pé. Quando passei diante da embaixada do Brasil, um nome me veio à mente: Allan Kardec. Havia sido questionado pela primeira vez sobre ele durante uma viagem a Ouro Preto, alguns anos antes. Havia passado várias semanas na cidade colonial a convite de uma tia, irmã mais nova de minha mãe. Seu percurso lembrava o meu, ou talvez fosse o contrário. Ela se chamava Valentine. Após uma longa peregrinação pelo mundo, decidiu se estabelecer no Brasil, onde trabalhou como professora de história em uma universidade local. Estava agora aposentada e fazia uma pesquisa sobre a Inconfidência mineira. Falava com prazer sobre o assunto, mas eu desconfiava que ela não dizia o que buscava realmente. Lembro-me bem do momento em que me explicou o que era a Inconfidência. Havia um rapaz com ela que se chamava Enrique e que acabava de voltar da França.

- Se você o tivesse visto há dois anos, disse Valentine apontando para ele. Tinha o cabelo comprido e não era parisiense, como agora.

Tia Valentine havia trabalhado sobre a Inconfidência. Esse termo significa “infidelidade, deslealdade”, sobretudo com o Estado ou o Governo. No século 18, um grupo de rebeldes conduzido por um oficial do exército chamado Tiradentes, pois também trabalhava como dentista, quis libertar-se dos portugueses. Nessa região rica em minas de ouro e diamantes, eles recorriam copiosamente a essas riquezas para manter o fausto da corte de Lisboa. Mas a Inconfidência mineira e a paixão de Tiradentes são uma outra história.

Certo dia, em Ouro Preto, estava na Livraria central quando a proprietária me perguntou sobre Allan Kardec. Estava sentado no salão do bar anexo à livraria. Havia gostado particularmente desse lugar, onde fui várias vezes durante minha estadia na cidade, apesar de não compreender português, o que me impedia de comprar livros no local. Esse conceito de bar-livraria sempre havia chamado minha atenção. A cada vez que via uma livraria desse tipo - e havia uma nova na Diagonal de Miraflores - dizia que era o único tipo de comércio que gostaria de ter.

A proprietária, uma mulher jovem e simpática, falava um pouco de francês. Enquanto eu tomava um café expresso bem melhor do que os de Lima, ela começou a conversa. Cumprimentei-a pela qualidade do local. Ela havia retomado o comércio há pouco tempo, após o misterioso desaparecimento da proprietária anterior. Algo me dizia que minha tia havia conhecido bem essa senhora. E não me havia enganado.

- É pena que vocês não tenham livros em francês. No entanto, parece que há vários turistas franceses em Ouro Preto.

- Gostaríamos muito de publicar algumas traduções, é verdade.

- Ah, você também é editora?

- Eu não, mas meu companheiro sim. Aliás, ele publicou há pouco tempo um romance escrito a quatro mãos por Valentine e Enrique. Esse livro existe também em francês.

- E como se chama o romance?

- A paixão de Tiradentes.

Ah, sim, claro.

A jovem, que se chamava Pollyana, acrescentou:

- Mas você viu que temos clássicos da literatura francesa: Jean-Paul Sartre, Júlio Verne...

- Jules Verne.

- Sim, isso mesmo.

E foi nesse momento que ouvi falar pela primeira vez de Kardec.

- Mas o autor francês mais famoso é, sem dúvida, Allan Kardec e não temos livros dele.

- Allan Kardec!!? Nunca ouvi falar.

Pollyana parecia extremamente surpresa.

- Allan Kardec. O famoso espírita. É muito conhecido por aqui. É mais fácil encontrar seus livros em livrarias especializadas, mas todo mundo o conhece.

Valentine havia confirmado que o pai do espiritismo, religião que havia se desenvolvido no século 19, era realmente um francês que usava o nome de Allan Kardec. Estava enterrado no cemitério do Père Lachaise e seu túmulo era mais visitado do que o de Jim Morrison. No entanto, não se tratava de um iluminado, mas sim de um homem do século do positivismo que havia criado as bases do espiritismo a partir das experiências que dizia ter realizado.

Nessa época da minha vida, uma visão científica do além me parecia algo tão absurdo que esqueci rapidamente esse homem.

Meses mais tarde, no momento em que passava em frente à embaixada do Brasil, pensei novamente na abordagem científica desse Allan Kardec. Descobriria que ela não deixava de ter semelhanças com as reflexões dos doutores Moody e Charbonier sobre as experiências de quase-morte.

Quando cheguei na avenida Arequipa, parei para pegar um coletivo. Todos os que passavam iam para Lince e não estavam muito cheios nessa manhã de domingo. Já a rua General Córdova estava totalmente vazia. Achava engraçado que Eduardo Pastor morasse em uma rua com nome de militar. Aliás, foi a primeira coisa que lhe disse. Sabia que devia tomar cuidado com o humor republicano francês e que os sul-americanos não gostavam muito de ironia quando o assunto era o exército ou o clero. Mas também não se deve contrariar sua natureza. Perguntei então a Eduardo, ao cumprimentá-lo, se havia comprado a casa por causa do nome da rua. Ele não notou ou então não entendeu a associação com sua antiga profissão. Estava totalmente entretido com sua jovialidade hospitaleira em apresentar seu querido Peru.

- Jim, você já experimentou o *cau cau*<sup>16</sup>?

- Já, Eduardo, não sou um turista. Faz tempo que moro no Peru.

Ele sabia disso, desde nosso primeiro encontro, mas com suas ideias fixas não costumava escutar os outros.

- Mas tenho certeza de que nunca experimentei um *cau cau* tão bom como o de Gertrudis.

---

<sup>16</sup> Prato créole apimentado à base de tripas ou de pequenos pedaços de frango, com batatas em cubos e ervilhas.

Só esperava que não fosse um *cau cau* de tripas! Posso dizer que detestava miúdos.

- Claro, ainda mais que se trata de um *cau cau* de *mondongo*<sup>17</sup>, anunciou meu anfitrião.

Coloquei em meu prato várias *tamales* para dar a impressão de ter comido bastante.

Mas, ainda assim, tive de experimentar o *cau cau* e, de fato, não gostava, mas estava bom.

Assim que tive a oportunidade, abordei com Eduardo o tema de minhas pesquisas sobre as experiências de quase-morte.

- Não sabia que havia tantos testemunhos sobre essas experiências.

- Mas claro, Jim. Posso apresentá-lo a pessoas que passaram por isso.

- Milhões de pessoas, dizem. Mas ainda assim é preciso que seja comprovado. E, evidentemente, trata-se de uma estatística que não pode ser provada.

- Você viu os programas da Discovery que falam sobre isso?

- Bem, não, na verdade, não tenho televisão.

Gertrudis, que até então havia escutado a conversa distraidamente, olhou-me com surpresa. Senti-me um estranho. O fato de não ter televisão representa uma singularidade ainda bem maior na América do Sul do que na Europa - uma grande parte das construções precárias das favelas estão coroadas de antenas. Torci para não ter de explicar a Gertrudis o quanto a televisão peruana e os programas a cabo, no mundo inteiro, me pareciam indigentes. Na França, pelo menos, havia ainda uma televisão pública. No entanto, era melhor não entrar nesse terreno pois não queria ir contra o nacionalismo de Eduardo nem o afastar do tema que me interessava.

- Sempre gostei de ciências, disse Eduardo, como que mergulhando em si mesmo. Discovery vale realmente a pena. Não é Gertrudis?

- É, mais ou menos, disse ela. Quando você não me impede de dormir com seus programas noturnos.

- Na semana passada, eles mostraram justamente um programa sobre as experiências de quase-morte. Existe um programa com especialistas ingleses que se chama *Aware*, eu acho.

Na boca de Eduardo, isso soava como *Euwerre* com um *R* pronunciado. Não entendi.

- De fato, na Inglaterra e também nos Estados Unidos, eles levam a sério esses fenômenos. Fazem pesquisas sobre uma série de pacientes que foram reanimados em hospitais ingleses, americanos e europeus. Vê-se claramente que isso vai se tornar um fenômeno científico. Eles começam a admitir que há uma consciência quando o cérebro está morto.

---

<sup>17</sup> Tripas.

O assunto parecia ter o dom de dar sede a Eduardo. Sob o olhar interrogatório e, em seguida, irritado de Gertrudis, esvaziou seu copo de vinho, um *Tacama* tinto que eu havia trazido: havia uma promoção no Wong do óvalo<sup>18</sup> Gutierrez desse vinho peruano bastante bom e quase desconhecido no exterior. E ele voltou rapidamente a preencher seu copo sem se preocupar em servir os outros novamente.

- O médico que dirige essa experiência - retomou, aumentando sua voz em um tom - Sam de alguma coisa, disse no programa que, ao contrário do que todos pensam, a morte não é um momento particular. Ele disse exatamente isto: "trata-se de um processo que começa quando o coração para de bater, quando os pulmões param de trabalhar e quando o cérebro para de funcionar." A pergunta, para mim, é quando o processo termina.

- Os testemunhos que li ou que vi na Internet, disse eu, explicam que nesse momento entra-se em outra dimensão, ainda não explorada. Seria a mesma que você vivenciou duas vezes no hospital.

- E que eles vão estudar, espero. Mas sabe, Jim...

Esvaziou novamente seu copo.

- Eu tenho outras provas de que há outras dimensões.

- ??

- Os espíritos. Os espíritos dos mortos. Se você soubesse de todas as histórias que aconteceram comigo. Você pode estar certo de que eles existem. Para mim, não há dúvida.

- Você não vai contar a história da minha mãe?, interveio Gertrudis, que voltava da cozinha onde havia discretamente repatriado a garrafa de vinho.

- Para convencer os que não vivenciaram uma experiência como a minha, digo que com certeza deve haver uma vida após a morte pois existem espíritos. Enquanto eu morria, acho que havia um espírito a meu lado que se levantou, nas duas vezes.

- Lembro-me bem de que você comentou isso, afirmei. E pelo que você disse, tratava-se do rapaz que estava morto nessa cama que você ocuparia em seguida. Em todo o caso, foi assim que entendi.

- Sim, acho que devia ser ele. Devia ser uma alma penada porque senti uma dor nas duas vezes em que tive a impressão de que alguém se levantava.

- Você tinha falado de uma sensação de medo.

- Sim, em todo caso, foi algo desagradável. E ainda mais desagradável **porque** eu voltava de um lugar onde havia me sentido bem como nunca até então. E há algo que, com certeza, você

---

<sup>18</sup> Rotatória.

não imagina, Jim! E Gertrudis, também nunca falei disso para você. Desde que vivi essas experiências no hospital, nunca mais vi aparições. Mas, antes, sim, frequentemente. Gertrudis é testemunha de pelo menos uma delas, quer que eu conte?

- Claro que quero, se Gertrudis não se incomodar.

- Não, não é aquela com a sua mãe. Mas seu copo está vazio, Jim!

Ele afastou-se em direção ao bufê da sala e abriu o compartimento para licores com uma chave que tinha em seu bolso. Voltou com uma garrafa de *Tacama* igual à que eu havia trazido e sua esposa, escondido, mas esta estava cheia.

- Dê-me o seu copo, Jim.

- Não, obrigado. Guardei esse hábito francês de não beber vinho após a refeição.

Era um pouco rude como resposta, mas me lembrava bem do estado em que o havia encontrado quando nos vimos pela primeira vez.

- Bem, então vou beber sozinho. Gertrudis?

- Não, disse ela bruscamente. E você, você não deveria beber.

Eduardo manifestou mais uma vez ter o dom de ouvir apenas o que lhe interessava.

- Aconteceu na serra. Na época, eu tinha uma caminhonete e, com Gertrudis e Julia, íamos até a casa de meu compadre em Huancayo.

- Julia?

- Julia, nossa filha. Aliás, ela também é como eu. Vê coisas.

Ficou parado por um instante e retomou subitamente a conversa.

- Pois então, foi ao cair da noite. Vi um cão que apareceu ao lado do carro, vindo simplesmente de lugar nenhum. Era um cachorro grande, uma espécie de cão-lobo, mas branco. Corria ao nosso lado. Acelerei, em parte para me divertir e também porque as estradas são perigosas perto de Oroya e não queria que ele provocasse um acidente. O cão podia morrer à vontade se quisesse, mas um acidente em plena noite e a 4.000 metros de altura, é melhor evitar. E na época, as crianças eram pequenas, não tínhamos celular. Acelerei, você se lembra Gertrudis? E disse para vocês “Que estranho, o cachorro ainda está ao nosso lado.” Julia começou a chorar. Ela me disse: “Vá mais rápido, papai”.

Ela batia na janela do carro com seus pequenos punhos, os olhos fixos no cachorro, disse sua mãe.

- Acelerei novamente e a cada vez que eu acelerava, ele fazia o mesmo. Correu ao nosso lado durante pelo menos quinze minutos e a cada vez que o olhava, ele estava no mesmo lugar,



bem ao meu lado. Felizmente, não cruzamos com nenhum carro. Não latia, não me olhava, não estava com a língua de fora: ele corria. E, de repente, desapareceu.

- Desapareceu? Você o perdeu de vista?

- Não, em nenhum momento eu o ultrapassei. De repente, em plena reta, em plena corrida, desapareceu. Seu corpo branco apagou-se na noite. Puff.

- Existem cachorros que correm rápido, observei. Era um cachorro grande. Devia ser resistente.

- Ora, Jim. Um cachorro que corre durante muito tempo, na mesma velocidade de um carro, na subida da Oroya, bem no meio dos Andes? E o que estava fazendo por lá se era um cachorro? Estávamos a dezenas de quilômetros de uma cidade. Conheço muito bem essa estrada e garanto a você que sei o que estou dizendo.

- É perturbador, com certeza.

Animado por suas palavras e pelo álcool, ele prosseguiu com outras histórias.

- Certa noite, Julia, que dormia no andar de cima, sentiu que tocavam em seus cabelos. E quando abriu os olhos, havia uma velhinha a seu lado que se levantava. Ela lhe sorriu, tocou em seus cabelos novamente e depois desapareceu.

- Ela a reconheceu?

Disse-nos que nunca a havia visto antes, mas que não teve medo algum. Já eu, vi uma vez uma pessoa que conhecia e foi assustador. Estávamos dormindo, Gertrudis e eu. De repente - eram duas e meia da manhã - lembro-me porque vi a hora no relógio da cozinha quando me levantei, escutei alguém batendo na porta de entrada. Na época, não havia um muro externo como agora. As crianças ainda eram pequenas; não havia tantos roubos. Mas evidentemente o país estava em segurança: Morales Bermúdez não é Ollanta Humala!<sup>19</sup> As batidas na porta de entrada me acordaram. Mas não sabia se era em meu sono ou na realidade que as havia escutado. Uma vez acordado, continuei a escutá-las, regulares, como se nunca fossem parar. Gertrudis também acordou. Ela me disse: “Está ouvindo? Quem pode ser a uma hora dessas? Levante-se e vá ver quem é!” Fui até lá e não precisei sair.

Da janela da cozinha, vi uma mulher que olhava para mim, estava apoiada em minha caminhonete que eu sempre estacionava nesse pequeno pátio. E essa mulher, eu a conhecia! Fiquei arrepiado! Já vi muitas coisas, mas isso, realmente, foi o maior susto que já tive. Corri até meu quarto e disse a Gertrudis: “Adivinhe quem eu vi diante da porta!”

---

<sup>19</sup> Francisco Morales Bermúdez: militar que foi presidente da República do Peru de 1975 a 1980. Ollanta Humala foi eleito presidente da República do Peru em 2011.

Sua esposa confirmou:

- Estava branco como um lençol. Nunca o havia visto assim.

- Disse: “Gertrudis, sua mãe está lá fora!”. Ela me respondeu: “Impossível, você sabe que ela está no hospital e que não pode se mover.” É preciso dizer que ela estava no fim da vida. Estava se tratando de um câncer há meses e ia morrer. Era, portanto, impossível que se deslocasse.

Insisti: “Era a sua mãe, sim. Estava com um roupão, exatamente como nos hospitais, e tinha um lenço azul e violeta xadrez.” “Ah, dá para ver que não era ela, disse-me Gertrudis, ela nunca teve esse lenço!”. Voltamos a nos deitar; na manhã seguinte, eu mesmo não acreditava mais ter visto minha sogra. Dois dias mais tarde, fomos visitá-la no hospital. Estava muito mal; algumas semanas depois, faleceu. Não podia, portanto, ter se levantado. Mas fiquei arrepiado pela segunda vez. Porque ela usava exatamente o mesmo lenço que eu havia descrito. E Gertrudis e eu não podíamos conhecer esse lenço porque as irmãs de Gertrudis tinham acabado de comprá-lo para cobrir sua cabeça calva devido à quimioterapia.

Gertrudis entrou na história também, apesar de suas reticências iniciais.

- É como se minha mãe tivesse vindo se despedir de nós.

- Não escolheu a maneira mais delicada.

- Sabe, disse ela baixando a voz, ela não gostava do Eduardo. Imagino-a perfeitamente pregando essa peça com ele.

Ele não havia ouvido nada. Aliás, parecia não nos escutar mais. Seu olhar estava fixo.

- Acho que ela veio se despedir de nós porque, após a sua morte, soube que os empregados a ouviram varrendo o pátio de sua casa na noite em que faleceu. Ouviram distintamente que alguém estava varrendo o chão. Ela mesma tinha o hábito de fazer isso. E os cães não latiram. Parecia que queria deixar tudo em ordem antes de partir.

Imaginava a cena perfeitamente. O fato de Gertrudis comentá-la dava mais credibilidade do que se fosse Eduardo, que parecia um contador nato. E que, no entanto, estava estranhamente silencioso há alguns minutos. Nós nos voltamos para ele ao mesmo tempo, como que tomados pela mesma surpresa. Estava caído sobre a mesa. Não se via mais o seu rosto. Devia ter adormecido, a não ser que... Gertrudis entendeu imediatamente. Precipitou-se gritando: “Eu lhe disse para não beber tanto. Ele está tendo uma crise diabética!”. Aproximei-me e ouvi-o murmurar:

- Sinto-me muito mal! Façam alguma coisa, por favor. É grave, é grave.

Aconteceu tudo muito rápido. Parecia que a injeção aplicada por sua esposa não tinha sido suficiente para que Eduardo se restabelecesse. Ela conseguiu chamar um médico que fez o necessário. Uma hora mais tarde, Eduardo estava na cama, eu dava um beijo em Gertrudis e voltava para casa.

## 4. |

Assim que cheguei em casa, questionei-me sobre a reação de Eduardo. Para alguém que dizia não ter mais medo da morte, parecia apavorado. Talvez ele diria que o sofrimento antes da possibilidade da morte o havia preocupado. A angústia antes do grande mergulho devia ser natural, independentemente das crenças de cada um.

Lembrei-me do livro do historiador Philippe Aries, *O homem diante da morte*<sup>20</sup>. A concepção romântica da morte na arte do século XIX a teria tornado mais aceitável do que no século XXI, quando se morria escondido nos hospitais em uma idade canônica? Não se falava mais da morte, ela não fazia mais parte da vida e havia se tornado uma anomalia. Quanto a mim, era a pessoa adequada para falar do medo da morte. Um pouco antes dos quarenta anos, havia vivido a crise dessa idade. Começou com a impressão de que poderia ter um mal-estar a

---

<sup>20</sup> *L'homme devant la mort* - Tomes 1 et 2, Seuil, 1985.

qualquer momento. Em seguida, vieram as dificuldades em respirar. Na verdade, como me surpreendia com o fato de que a respiração pudesse ser natural, devia vigiar constantemente para que a minha não se interrompesse. Pensava novamente no assunto com as técnicas de meditação, nas quais era preciso escutar a respiração. Acredito agora que esse período, que considerava negro na época, havia sido benéfico. Ele havia me reconduzido às minhas interrogações sobre a existência e contribuído para que me dedicasse à análise da vida após a morte.

Após uma xícara de café, estava diante de meu computador. Minha irmã Cléo havia me enviado um e-mail. Dizia o quanto era difícil para ela que seu filho tivesse sido demitido novamente. Guardava dele a lembrança de um rapaz cativante, apesar de ter sido sempre turbulento e de monopolizar a atenção. Após ter percorrido várias escolas da região, passava de um emprego informal a outro. Talvez minha irmã e minha mãe não tivessem sido suficientemente rígidas com ele. Moravam juntas. Minha irmã era o que se chamava até há pouco tempo de “mãe solteira”. Ligaria para ela na manhã seguinte pedindo que deixasse nossa mãe longe desses fatos. Talvez fosse ela a mais lúcida de todos nós, mas preferíamos poupá-la das aventuras do Sergio.

Fechei o e-mail de minha irmã e lembrei-me do médico de que havia falado Eduardo Pastor. Mencionara apenas o seu primeiro nome. Digitei “Sam” e Aware no Google. Seu sobrenome era Parnia. Sam Parnia trabalhava na universidade britânica de Southampton. Havia escrito *What happens when we die?*<sup>21</sup> De fato, uma boa pergunta! O projeto que lançou com outros cientistas chamava-se *Awareness during resuscitation*. Aparentemente, a última palavra significava simplesmente “reanimação”. Tratava-se então da “consciência durante a reanimação”. O estudo havia começado em 2009. Em 2011, uma informação em seu site dizia que dispunha, a partir de então, de uma base de 1000 pacientes que haviam sofrido uma crise cardíaca. O projeto devia durar quatro anos. Talvez os resultados fossem mais tangíveis em 2013.

Os argumentos dos detratores da explicação sobrenatural das experiências de quase-morte vieram se intrometer em minha pesquisa via Internet. Somavam-se à reação contraditória de Eduardo. Entrei em um blog no qual o autor, mantendo uma explicação racional, enunciava seus argumentos como em um requisitório. Primeiramente, contradisse a informação segundo a qual milhões de pessoas haviam vivido uma experiência de quase-morte, afirmando que, ao contrário, “a maioria das pessoas que tiveram seu prognóstico vital

---

21 O que acontece quando morremos?

comprometido não havia conhecido essa experiência.”<sup>22</sup> Além disso, relatava que visões similares haviam acontecido em outras circunstâncias, durante um parto, em uma relação sexual ou na aplicação de quetamina, um anestésico utilizado no tratamento de depressões.

Em segundo lugar, afirmava que os “experenciadores”, essas pessoas que viveram uma experiência de quase-morte, tinham uma apetência pelo esoterismo. Não foi a impressão que tive quando vi a reportagem sobre Raymond Moody. Havia homens e mulheres de todas as idades, de todos os tipos e com personalidades aparentemente bem variadas. O que também não condizia com essa afirmação - e que havia lido ou ouvido várias vezes nessa primeira fase de minhas pesquisas - era o fato de que vários experenciadores tinham vergonha de falar de sua experiência de quase-morte e, por vezes, permaneciam calados durante anos. Era realmente a primeira vez em que me posicionava contra os incrédulos. Era o caso desse Jean Morzelle, que o mesmo blogueiro citou dizendo “que havia se tornado bastante falador sobre seu passado após ter permanecido calado durante décadas.” Em outro site, havia a informação de que **esse** homem não havia relevado nada durante 40 anos, com medo de que zombassem dele.

Foi em junho de 1949, no dia 9 mais precisamente, ele tinha 20 anos e estava fazendo o serviço militar. Durante um exercício, uma bala lhe atravessou o peito. A bala é de madeira, mas causa danos terríveis... Os médicos estão pessimistas. No hospital Larrey de Toulouse, ele permanece mergulhado em um “buraco escuro” enquanto o cirurgião se agita à sua volta. “De repente, encontrei-me bem no alto da sala, em um canto. Sentia-me maravilhosamente bem. Estava em paz comigo mesmo...” Jean Morzelle vê seu corpo, abaixo, sem ter consciência de que se trata dele mesmo; vê “com uma visão de 360°” o cirurgião avaliar o peso de seu fígado em uma mão e a enfermeira desmaiar; ouve frases antes mesmo que sejam pronunciadas... Atravessa paredes, nota haver uma placa indicando “Armas e ciclos de Saint-Étienne” embaixo da mesa de operação, e observa uma garagem de bicicletas do lado de fora. Em seguida, atravessa um túnel, “um buraco algodoado que tinha como que um véu azulado ondulado por cima de mim”, e aproxima-se de uma “luz viva que fala comigo, um amor infinito, incondicional, quase pesado, tinha uma impressão de poder, de saber absoluto, um sentimento de felicidade extraordinário”. Enfim, sente que se afasta dessa luz e reintegra “com uma enorme tristeza” seu corpo, pelo topo de seu crânio, na altura da fontanela, como uma mão se adapta a uma luva...” Mais tarde, já recuperado, evoca junto a seu cirurgião a famosa placa da mesa de operação. O cirurgião ignorava sua existência, mas ela estava realmente lá, parafusada e dissimulada sob

---

<sup>22</sup> <http://scepticismescientifique.blogspot.com.br/2009/07/petite-mise-au-point-sur-les.html>

um lençol. Fala de seu fígado que passa de mão em mão, e da enfermeira que desmaia; pergunta sobre a existência de uma garagem de bicicletas. Tudo coincide: não foi um sonho!”<sup>23</sup>

Jean Morzelle havia aparentemente declarado que as religiões diziam bobagens. No entanto, essa impressão de amor universal não deixava de lembrar os discursos católicos. A página do site que eu estava consultando terminava com essas palavras: “É uma certeza, há um além; mas enquanto o esperamos, é preciso viver aqui...” Gostaria de ter podido pronunciar essas primeiras palavras.

A favor da contra-argumentação do blogueiro - David Rossini era o seu nome - havia a personalidade de Eduardo Pastor. As várias histórias que, com brio, ele tinha gostado de contar - antes de mergulhar em seu mal-estar diabético-alcoólico - mostravam que se interessava bastante pelo esoterismo. O terceiro ponto de David Rossini era visivelmente forte. “O conteúdo das experiências de quase-morte, assim como o dos sonhos e das alucinações, depende da cultura do experienciador.” De fato, a insistência dos experienciadores ocidentais na luz fazia realmente parte do imaginário cristão, no qual o próprio Deus é luz. O que viam então os orientais, por exemplo? Os tailandeses e os indianos não falavam dessa claridade. As paisagens descritas parecem também culturalmente determinadas: os experienciadores japoneses referem-se frequentemente a visões de longos rios escuros e de flores magníficas, duas imagens simbólicas muito presentes na arte nipônica.” Rossini afirmava ainda que o próprio Raymond Moody havia determinado uma série de relatos e talvez até de visões pois, desde a publicação de seu best-seller, *A vida após a vida*<sup>24</sup>, o túnel havia se tornado recorrente nos testemunhos. David Rossini omitia o fato, ou o ignorava, que a questão da luz estava presente nas religiões orientais e, no nível simbólico e material, de forma intensa no budismo. Essa objeção só me veio à mente mais tarde.

O convite chegou pelo correio passado por debaixo da porta, à maneira de Lima. Minha tia Valentine de Ouro Preto convidava-me para o lançamento do livro *A Paixão de Tiradentes*, aquele que havia escrito com seu aluno Enrique. Era um belo convite com o título do romance entre uma foto de Paris e outra de Ouro Preto. O lançamento aconteceria na livraria da cidade brasileira que havia frequentado durante minha viagem. Dentro de duas semanas, um sábado de manhã. Teria gostado de estar presente, não tanto pelo evento, mas principalmente pela

---

<sup>23</sup> <http://chum.pagesperso-orange.fr/Morzelle.htm>

<sup>24</sup> Op. Cit.

cidade. No entanto, era muito longe, muito caro e estava sem tempo. Escreveria uma mensagem simpática para minha tia.

A ideia de uma viagem a Ouro Preto não me abandonou durante toda essa semana, que dediquei em boa parte à supervisão dos exames de final de ano na PUC. Mas, afinal, a data de 15 de dezembro não era propícia para uma mudança de agenda? Entrávamos no período de festas e, em seguida, havia as férias de verão. Os cursos na universidade só recomeçariam em fevereiro. Tinha uma passagem de avião para a França, com intenção de passar o Natal com minha mãe e minha irmã, mas isso seria apenas no dia 23. Dispunha de uma semana para uma eventual escapada até Ouro Preto.

A viagem não era tão longa e nem tão cara, apesar de o período do ano fazer pensar o contrário. Cinco horas de voo até São Paulo e, depois, uma hora até Belo Horizonte. Tudo por 400 dólares ida e volta. Podia me autorizar essa escapada. Meu salário na universidade não era mirabolante, mas, com exceção do orçamento para viagens e de um belo apartamento, vivia modestamente e gostava disso. Liguei para Valentine que pareceu ficar muito feliz com minha vinda. Iria buscar-me em Belo Horizonte e ficaria hospedado em sua casa, claro.

A decolagem de Lima é uma medida de três tempos. O avião atravessa a névoa, faz uma grande curva para ficar acima do oceano e, logo em seguida, toma altitude para sobrevoar os Andes. Conhecia bem esse ritual e divertia-me imaginando uma descorporação. Um pequeno aceno às minhas pesquisas recentes. Vi-me sobre a falésia de Miraflores, andando de um parque para outro, como fazia frequentemente, observando o Boeing em que voava. O céu sobre os Andes estava limpo. Era bonito deslizar sobre os blocos de pedra e os picos de neve. O avião parecia ter atingido sua velocidade de cruzeiro e não se ouviam mais os reatores. O universo azulado avançava ao encontro da aeronave em um ambiente macio.

Enfrentei duas horas de espera no aeroporto de Guarulhos de São Paulo, insuficientes para ir até a cidade. Nunca havia visto tantos corpos bronzeados montados em salto alto e com fragrâncias tão fortes que parecia que tínhamos entrado em uma perfumaria. Um exército de bonecas Barbie - em jeans justos e de cabelos longos - cuja idade só podia ser desvendada ao se examinar as fisionomias. O avião teria aterrissado por engano na Califórnia? Valentine estava na hora exata no aeroporto de Belo Horizonte. Não era uma tarefa fácil com seu fusca laranja, daqueles que eu julgava não mais existir, e que só devia sair da garagem em raras ocasiões. Seu escapamento soluçava explosivamente nas estradas escarpadas de Minas Gerais enquanto conversávamos em volta de um cigarro.

Antes do lançamento, minha tia teve tempo de me informar sobre a criação de seu livro. Surpreendia-me o fato de que ela o tivesse escrito com um de seus alunos. Enrique tinha se encarregado da parte atual, enquanto ela redigia os capítulos históricos. Na parte atual do romance, em Paris, uma mulher comprava uma estatueta em um antiquário para seu filho como um presente para sua partida para Ouro Preto, onde o rapaz iria fazer um estágio e se hospedar na casa de sua tia. Pouco tempo depois, a mulher era assassinada. Assim que foi enterrada ou que suas cinzas foram dispersas, seu filho descobria que a estatueta continha diamantes e um manuscrito, que o rapaz lia com sua tia em Ouro Preto. Professora de história, essa senhora compreendia a importância do documento. “Professora de história, nossa!”, disse para mim mesmo. Havia muitos professores de história nessa história! Tratava-se do diário de Teresa de Carvalho, uma portuguesa da metade do século 18 que veio ao Brasil fugindo da Inquisição. Ao chegar, encontrou Joaquim José da Silva Xavier, o famoso Tiradentes. Viveu toda a fase de preparação da Inconfidência. Paralelamente, no século 21, o jovem francês Boris começava uma relação com uma bela livreira de Ouro Preto, Gabriela. Era a proprietária de uma livraria que funcionava também como um café. “Que curioso!”.

Não pude ir mais longe em minha leitura até o sábado em que me encontrei no bar-livraria de Pollyana para o lançamento de *A paixão de Tiradentes*. O evento seria dedicado à versão em português do livro, mas havia reservado comigo um exemplar em francês caso perdesse o fio da apresentação. Os dois autores haviam sido tomados pelos jornalistas assim que chegaram. Vi-os bastante sérios em pé diante de um microfone enquanto a sala se preenchia. Valentine me havia dito que era ótimo que Enrique tivesse muitos amigos e, quanto a ela, que nem todos os seus alunos tivessem guardado más lembranças de suas aulas, pois era raro que o público se deslocasse para o lançamento de um livro. De fato, as cerca de quarenta pessoas que entraram pareciam ser familiares. Conversavam como velhos conhecidos em uma cidadezinha. Estava um pouco deslocado e decidi sentar-me enquanto esperava a introdução que foi logo feita pela diretora da Aliança Francesa local. Entendi praticamente tudo o que foi dito, com a ajuda do espanhol e com mais facilidade do que durante minha primeira estadia. A diretora começou apresentando a trama, ao que atribuí uma nota positiva pois detestava os lançamentos em que se parte do princípio de que todos os participantes já leram o livro.

- Suzanne, uma francesa, comprou uma estatueta em um antiquário em Paris e a oferece a seu filho, Philippe, que se chama Boris na versão francesa, um estudante de geologia de partida para Ouro Preto para um curso de férias. Mas ela é encontrada morta e Philippe descobre no interior da estatueta 30 diamantes e um velho manuscrito. No avião para o Brasil,



ele conhece Gabriela, a proprietária do café-livraria Leonetti, em Ouro Preto. Philippe está hospedado na casa de sua tia-avó, professora aposentada de história na UFOP<sup>25</sup>. Juntos, leem o manuscrito, uma espécie de diário escrito por Teresa, a companheira de Xavier, ou seja, do nosso Tiradentes. Teresa é uma jovem portuguesa que acaba de chegar no Brasil e que testemunha a preparação da revolta que pretende liberar a região das Minas Gerais de Portugal. Durante esse tempo, Philippe tem uma aventura com Gabriela, descobre as repúblicas de estudantes e a vida noturna agitada de Ouro Preto. Na França, seu pai Henri, um editor renomado, é suspeito de ter assassinado sua mulher.

A diretora utilizou, em seguida, o tema da dualidade como fio condutor. Enrique e Valentine explicaram que se tratava de um livro escrito a dois - eles disseram “a quatro mãos” o que me pareceu surpreendente no início - que eram de duas nacionalidades diferentes, que haviam escrito em dois países diferentes, a 9.000 km de distância. A situação era ainda mais inusitada pelo fato de ser o brasileiro quem morava na França - Enrique trabalhava em uma grande editora parisiense que iria provavelmente publicar o livro - e de ser a francesa quem morava no Brasil. A narrativa constituía-se de duas histórias, de duas épocas, de dois locais, Paris e Ouro Preto, e existia em duas línguas.

O público parecia apreciar as palavras dos palestrantes. Apenas uma mulher de meia idade, alta e loira, que havia se sentado no canto de uma cadeira não muito longe de mim, sem que a tivesse visto entrar, parecia agitada.

A apresentação passou em seguida à questão da escritura “a quatro mãos”. Como chegar a um acordo? Valentine disse que era “enriquecedor escrever com outra pessoa na medida em que havia proximidade dos pontos de vista e que, em caso contrário, a aventura poderia se tornar um pesadelo.” “Outra vantagem era o fato de se ter que respeitar os prazos. Bastava apenas ter muita paciência, humildade e aceitar ser criticado.”

- Explique para nós por que se trata categoricamente de um livro do século 21, apesar de mergulhar no século 18, perguntou a diretora da Aliança Francesa.

- É simples, disse Enrique. É um romance da geração da Internet. Não teria sido possível escrevê-lo antes. Trabalhamos por e-mail e fizemos longas sessões de trabalho por Skype. Escrevíamos cada um de seu lado e cada um em sua língua. Quando havíamos terminado de escrever o que considerávamos uma parte coerente, enviávamos o texto por e-mail e o outro o retornava com seus comentários, sempre muito francos. Depois, marcávamos um encontro, às vezes em horas estranhas devido ao fuso horário, e fazíamos uma sessão de trabalho. Era assim

---

25 Universidade Federal de Ouro Preto

que chegávamos a um acordo sobre a versão definitiva. E, em seguida, eu traduzia em português do meu lado e a Valentine traduzia em francês o que eu escrevia.

- Então a versão em francês coexistiu com a versão em português? De alguma forma, foram escritas ao mesmo tempo?

- É exatamente isso.

- E por que vocês escolheram contar essa história da Inconfidência? continuou a diretora da Aliança Francesa.

- A primeira razão é prática, disse Valentine. Enrique é daqui; eu trabalho aqui. E como você sabe, para agravar a situação, sou professora de história. Deveria dizer “era” professora de história, já que sou aposentada e nunca deixarei de sê-lo. Enrique sabe bem disso e muitas vezes me repreendia por eu continuar a trata-lo como aluno durante a redação do livro. Queríamos escrever um livro que mesclasse o presente com um evento histórico importante. Utilizamos a Inconfidência. E além disso, queríamos resgatar a verdade sobre Tiradentes. Para aqueles que não sabem bem de quem se trata - Valentine olhou para mim - Joaquim José da Silva Xavier é o herói principal da Inconfidência. Ainda que a rebelião tenha fracassado, tornou-se um herói nacional brasileiro e sua festa é celebrada em 21 de abril, aniversário de sua execução, em 1792. Apesar dessa presença no panteão nacional, há muito tempo me perguntava porque era geralmente maltratado pelos livros de história. Lê-se que era um fracassado. Órfão desde os 10 anos, tudo lhe teria faltado na vida. Os argumentos são, principalmente, que exerceu várias profissões e que, como militar, não havia recebido nenhuma promoção em 14 anos de carreira. Teria tido uma participação menos importante na Inconfidência e representava para a Coroa portuguesa um bode expiatório ideal com seus ressentimentos. De fato, o juiz do seu processo, ao responder a uma carta da Coroa que perguntava quem era Tiradentes, escreveu que “se tratava de um homem que não tinha nem boa aparência, nem valor, nem riquezas.” Mas, em muitos livros, fica-se sabendo também que os conspiradores encarcerados, os Inconfidentes, acusavam-se entre si, choravam e maldiziam sua infelicidade. Todos, com exceção de Tiradentes, que se comportou com dignidade e assumiu sozinho a responsabilidade pela rebelião. Como esse homem supostamente insignificante havia podido se expor de tal forma e agir com tanta coragem?

Nesse momento, a mulher alta e enigmática sentada ao meu lado disse distintamente: “De fato, por quê?”

- Quero que esse homem, concluiu Valentine, seja mais bem conhecido. Não o Tiradentes barbudo e vestido de branco com uma corda no pescoço, que não corresponde à estatura do

herói e ao que realmente foi, mas o Xavier revelado por Teresa. Quero que as pessoas o conheçam, que saibam o que sentia e o que perdeu.

Foi sua conclusão. O público levantou-se, em seguida, para se reencontrar junto ao bufê ou para fazer fila com um livro na mão em busca de uma dedicatória dos autores. A loira alta parecia tão abandonada quanto eu.

- Fala francês? Disse-me bruscamente.

- Sabe que isso acontece comigo, às vezes? Respondi.

Tinha um olhar febril como alguém que vive na clandestinidade.

Olhou à sua volta antes de falar e, em seguida, fixou seu olhar no meu.

- Por que diz isso se é francês? Mora aqui há muito tempo? Nunca o vi. É verdade que não sou de Ouro Preto.

- Não, estou aqui em férias.

- Quanto a mim, preferi ir para o campo. Sabe, acontecem coisas estranhas aqui. Você se interessa por essa história da Inconfidência?

- Sim, na verdade, tinha ouvido falar pouco sobre o tema até agora. Esse punhado de homens que queriam derrubar a Coroa portuguesa e que quase conseguiram não é uma história banal. E seus laços com Jefferson, a relação com as revoluções americana e francesa me interessam de modo especial.

- Sabe, os Inconfidentes ainda estão por aqui.

- Como assim, ainda estão por aqui?

- Estão aqui no meio de nós. Voltaram.

- Voltaram? Voltaram como?

- Estão aqui para realizar o que não puderam fazer no século XVIII.

- Fantasmas, você quer dizer?

- Hoje, eles têm outros nomes, profissões diferentes, mas buscam os mesmos objetivos.

- Você os conhece?

- Basta olhar bem, abrir o terceiro olho.

“O terceiro olho”. Claro, a expressão era comum. Mas nos lábios dessa mulher, parecia que devia ser tomada ao pé da letra.

Nesse momento, minha atenção foi solicitada pela diretora da Aliança Francesa que, vendo-me à parte, e com o término da fila de autógrafos, veio me trazer um prato com petiscos e perguntou o que eu queria beber. Quando me voltei para a mulher enigmática, a mesma havia

desaparecido. Como tinha ido embora tão rapidamente, sem que eu notasse? Essa mulher tinha o dom de se volatizar? A diretora da Aliança Francesa confirmou que não era um fantasma.

- Amélie, sim, eu a conheço bem. Você deve tê-la achado um pouco estranha?

- Para dizer a verdade, achei.

- Refugiou-se no campo após seu divórcio. Não se sabe ao certo o que faz por lá.

Não contei o que minha estranha interlocutora havia dito. Em todo caso, estava bem viva. Não se tratava de uma aparição.

Devo dizer que a primeira coisa em que acreditei foi na predestinação dos encontros. Para ser mais preciso, diria que os encontros, que deveriam ser fortuitos - pois dependem de elementos geográficos, temporais e de tantos outros - são, na verdade, construídos em torno de um projeto - neste caso específico, em torno de minha pesquisa. Havia conhecido Eduardo Pastor, em seguida, escutado o relato de uma experiência de quase-morte na feira de livros em Lima e agora, essa mulher.

Assim que pude, à noite em minha cama com meu computador, como um pesquisador obstinado, comecei a verificar essa história de “terceiro olho”. A inevitável Wikipédia escrevia o que eu já sabia, que se dizia também “olho da alma”. Encontrei ainda a expressão “porta da alma” e li que se tratava de “uma metáfora mística e esotérica de origem oriental que designava, além dos olhos físicos, um terceiro olhar, o do autoconhecimento.”

Tive um sobressalto, o que fez com que minha cama rangesse e, imediatamente, provocou meu riso. Torci para não ter acordado minha tia que dormia atrás da parede branca de espessura desconhecida. A questão é que a coincidência se tornava perturbadora. Esse terceiro olho era mencionado como um caminho para as experiências de quase-morte. Também chamado de “glândula pineal”, o órgão se situaria na região da testa, entre os olhos, e, uma vez desperto, permitiria que o homem tivesse sensações extra-sensoriais. Como era possível que ouvisse novamente falar das experiências de quase-morte em outro país, sendo que esse assunto era antes tão distante para mim? Havia desenvolvido meu terceiro olho para que essa mulher, Amélie, tivesse se aproximado para me fazer justamente uma revelação?

Havia também uma relação com o budismo. “De acordo com a visão dos hindus, a glândula pineal era o principal órgão do corpo, possuindo dois chacras (centros de energia) responsáveis pelo desenvolvimento extrafísico, [...] receptores e [...] transmissores da energia vital.” Lembrei-me do Dr. Charbonier que afirmava que o cérebro era o receptor de um impulso exterior, como um rádio. Havia justamente um professor brasileiro da Universidade de São

Paulo que abordava essa questão. Lembro-me que Valentine, em uma conversa sobre nossa profissão, havia dito que se tratava da melhor universidade pública do país. Neuropsiquiatra, chamava-se Sergio Felipe de Oliveira e dizia que “pensar que é o cérebro que produz nosso pensamento seria o mesmo que acreditar que os atores vivem no interior da nossa televisão. Hoje o cérebro é comparado a um computador. O problema é que não existe nenhum computador que produza seu próprio programa: este é produzido por um outro ser, o programador, que o instala no computador. Por isso, o pensamento e a imaginação não poderiam nascer no interior do cérebro. Eles só podem ser originários do exterior e ser instalados no cérebro.” O artigo comparava a falsa realidade do cérebro com a de uma mesa, dizendo que o objeto só existia graças à luz refletida sobre o mesmo. Sem luz, não há mais objeto. “A matéria é invisível.” Iria ouvir falar disso novamente mais tarde quando me interessaria pela física quântica. Por hora, essa flutuação da aparência transportou-me para a época em que, na universidade, estudava linguística e semiologia. Para um francês, o objeto “mesa” também se tornava real pelo seu nome. Para um espanhol, um alemão, etc. existe uma outra realidade, um outro nome. Quem tem razão? Ninguém, claro. Em todo caso, o que parece mais tangível é, muitas vezes, apenas aparência. Nossas certezas são interpretações.

Realmente, o Brasil mostrava-se imerso no esoterismo. Na minha viagem anterior, o assunto foi Allan Kardec que tinha milhões de discípulos no país. Nessa noite, li enfim informações sobre Lobsang Rampa. Esse nome era-me completamente desconhecido - prova de que, durante toda a minha vida, havia passado ao lado desse mundo sem o ver. Por que teria podido conhecê-lo? Porque se tratava do pseudônimo de um autor britânico que havia publicado em 1956 um livro de grande repercussão, *O terceiro olho*.<sup>26</sup>

Evidentemente, não poderia tê-lo lido quando foi publicado: tinha apenas dois anos. Nesse livro, falava-se de uma operação cirúrgica “que consistia em furar um pequeno orifício na testa de Rampa para “abrir” seu terceiro olho e lhe conceder, dentre outras capacidades, o poder de ver a aura.” “A humanidade teria perdido esse poder, embora o halo dourado pintado ao redor da cabeça dos santos indique que alguns artistas podiam vê-lo.” “Por meio de um controle apropriado dos pensamentos, seria possível fazer com que o corpo astral saísse do corpo físico e, em seguida, deslocar-se (com o corpo imaterial) para qualquer lugar da Terra ou do universo, conservando-se uma lembrança precisa da viagem até a reintegração ao corpo físico.” “Diz que os sonhos são o resultado de viagens astrais inconscientes que começam

---

<sup>26</sup> *Le troisième œil : l'initiation secrète d'un enfant-moine au Tibet, J'ai lu, 2004*

quando a pessoa dorme. Os lamas tibetanos praticariam constantemente a viagem astral consciente.”

Experiência de quase-morte, Brasil, Kardec, Índia, Tibete, budismo. Zonas desenhavam-se como mapas mentais.

No dia seguinte à essa nova vigília dedicada às minhas pesquisas, decidi passar o dia visitando Ouro Preto. Havia visto as igrejas de longe e não conhecia bem a cidade. Durante minha primeira estadia, a chuva havia me dissuadido de caminhar e há tantas coisas para se ver; as ruas são tão estreitas, sinuosas e íngremes que é difícil percorrer a cidade de outra forma senão a pé.

Ouro Preto é uma cidade colonial situada sobre várias colinas. E em seus morros, como se tivessem sido criados para isso, há igrejas. Quando seus sinos tocaram, por várias vezes, tive a impressão de um jogo de esconde-esconde. Tentei identificar de onde vinha o ressoar dos sinos e, assim que acreditava ter conseguido, o som surgia de outro local. As igrejas elevavam-se orgulhosamente de forma parecida, com suas fachadas brancas de bordas castanhas e seus sinos; no entanto, nunca eram idênticas e, por vezes, chegavam a ser bem diferentes em um segundo olhar. Algumas tinham ângulos arredondados, outras eram decididamente retangulares. Queria visitar todas. Meu Lonely Planet avisou-me que, com as capelas, havia pelo menos vinte. Muita coisa para alguém que não era crente. Havia herdado do meu pai o prazer de entrar nas igrejas fora dos horários de missa. Captava a espiritualidade das igrejas, mas considerava que as cerimônias católicas lhes tiravam o encanto. Desenvolveria, em seguida, uma terceira forma de visita às igrejas: o recolhimento, a meditação no silêncio sagrado.

Atravessei a praça Tiradentes cuja parte central era ocupada pela estátua do herói. Situada em seu ponto mais alto, trata-se do verdadeiro centro da cidade. Demorei-me principalmente na Igreja de São Francisco. O céu azul de Ouro Preto a fazia brilhar em seu adro. A luz tornava-se ocre acariciando as paredes. Suas formas arredondadas traziam suavidade à visão. O que li em meu guia ao atravessar a entrada me surpreendeu e concedeu imediatamente uma aura de mistério ao local. O capítulo dedicado à igreja dizia que o desenho do portal, o púlpito e o teto da capela principal eram obra de Antônio Francisco Lisboa. Lembrava-me bem desse nome que havia sido citado várias vezes na véspera: era o suposto autor da estatueta do livro *A paixão de Tiradentes*, mais conhecido pelo nome de Aleijadinho. A substituição das formas quadradas das torres por curvas era também uma inovação de autoria

do artista, assim como o alto da fachada principal em forma de pirâmide gótica e o frontispício rendado de pedra.

À noite, na antevéspera de minha partida, jantei com Valentine e Enrique no café Geraes. Aceitei com prazer tomar uma caipirinha no bar antes da refeição. Talvez ficasse com dor de cabeça, mas era irresistivelmente bom. Pedi um salmão com molho de maracujá que derreteria na boca, enquanto meus companheiros escolheram bacalhau à nata, um prato português que servia duas pessoas.

- Não tinha visto nada durante minha primeira visita à cidade. Obrigado, Valentine, por ter me dado a oportunidade de voltar.

- Cuidado para não ficar apaixonado pelo local como sua tia e não querer mais sair daqui, disse Enrique.

- Não há esse risco, jamais deixaria Lima por outra cidade.

- Engraçado. Nunca tinha ouvido falar que era uma cidade bonita.

- Bem, que os que não gostam de Lima a deixem para os que a apreciam.

- Do que você gosta em Lima?, perguntou Valentine.

- Na verdade, de tudo.

- Como assim, de tudo? Não é um pouco exagerado?

- Disse « tudo » sem nem mesmo refletir. Deve ser sincero. Gosto que esteja de frente para o oceano. Os bairros de Barranco e Miraflores, onde se pode caminhar ao longo das falésias ao lado do mar, logo abaixo. Gosto da valsa contínua dos velhos ônibus e dos *colectivos* coloridos. Gosto do espanhol falado pelos peruanos. Gosto dos cheiros de madeira das sacadas do centro da cidade. Gosto de ver as vendedoras de *emolientes* com seus velhos carrinhos. E gosto até dos cheiros de urina e de comida que tomam a cidade. E gosto do fato de nunca chover.

Enrique balançou a cabeça e disse:

- Não entendi tudo, mas mesmo assim é convincente.

- Pode apostar que é mais exótico para vocês, brasileiros, do que se os enviassem aos confins da África. Mas, assim mesmo, é a América do Sul.

- Ah, a união da América do Sul, suspirou tia Valentine. Estamos bem longe disso, pelo menos, deste lado do subcontinente.

- Falem-me de Aleijadinho. É um dos personagens importantes do livro de vocês, mas foi preterido por Tiradentes na apresentação na livraria. Era um personagem extraordinário, não? Em todo caso, um artista fora do comum. Gostei muita da Igreja de São Francisco. Aliás, tenho

vontade de voltar lá amanhã antes de ir embora. Quem era mesmo Aleijadinho e que papel teve na Inconfidência?

- Ah, você não leu o nosso livro.

- Realmente, não tive tempo de ler o romance inteiro. Mas será um prazer fazer isso no avião.

- Estou feliz que você tenha gostado da Igreja de São Francisco. Germain Bazin disse, em relação ao retábulo e ao conjunto da capela principal, que é surpreendente que a mais bela realização do rococó português tenha ocorrido na colônia e que se deva a um mestiço.

- Quem é Germain Bazin?

- O conservador do Louvre que tornou Aleijadinho conhecido na França.

- E quanto ao apelido do artista: não se trata exatamente de um diminutivo, não é?

- Não. Na verdade, o apelido vem de “pequeno aleijado” e é bastante cruel. Chamava-se Francisco Lisboa. Compreende-se porque havia se escondido do olhar das pessoas. Dizem que trabalhava sob uma lona para que ninguém o visse. E que chegava bem cedo de manhã e ia embora à noite bem tarde quando Ouro Preto dormia. Quando não podia evitar os curiosos, acelerava o passo de seu cavalo. A partir do final dos anos 1770, quando sua doença se instalou completamente, Aleijadinho só era visto com uma grande capa. Havia ficado enfermo. Alguns diziam que havia exagerado no sexo e contraído uma doença. Outros diziam ser uma forma aguda de reumatismo ou lepra ou outra doença da qual não me lembro. Ainda não há um consenso sobre a questão. Você sabia que ele tinha de andar de joelhos e que seus dedos doíam tanto que ele mesmo os cortou?

- Em nosso livro, disse Enrique, imaginamos que Francisco Lisboa dava refúgio a Teresa, a esposa de Tiradentes, e à filha deles, após sua execução.

- Na verdade, é uma suposição verossímil. Juntamente com Tiradentes, Aleijadinho é uma das grandes figuras históricas do Brasil. E viveram na mesma época, no mesmo local. É pouco provável que Francisco Lisboa não tenha tido conhecimento da preparação da revolta. Por outro lado, sobreviveu mais de 20 anos ao fim da Inconfidência. Tinha cerca de 60 anos no momento da execução de Tiradentes, em 1792, e, deficiente, doente, viveu mais de oitenta anos. Em 1796, recebeu uma encomenda muito importante, a realização das esculturas da Via Sacra e dos Profetas na cidade mineira de Congonhas. Os 12 profetas, colocados diante da igreja situada no alto de uma colina - em uma cidade que, aliás, não vale a pena ser visitada - são impressionantes. Disseram que, sob a representação desses profetas, Francisco Lisboa



talvez tivesse desejado encarnar os principais personagens da Inconfidência. Em nosso livro, retomamos essa hipótese e fomos mais longe.

- Imaginamos, continuou Enrique com os olhos brilhantes, que Aleijadinho tivesse colocado no interior das estátuas o ouro que pertencia aos inconfidentes, para protegê-lo dos portugueses.

- E isso parece tão convincente que na última vez em que estive lá, disse Valentine, procurei por orifícios que me deixassem ver alguma coisa no interior das estátuas. É por isso também que demos à versão brasileira um final diferente da francesa.

- Não queríamos que leitores iluminados fossem quebrar as estátuas em busca de tesouros.

No último dia da viagem, Enrique propôs me levar até Belo Horizonte. Era um sábado, mas Valentine não podia nos acompanhar. Tinha uma reunião no Museu da Inconfidência. Bem que eu tinha vontade de perguntar com quem, mas como ela gostava de forma exagerada de criar mistérios à sua volta, decidi não lhe dar esse prazer.

- No sábado de manhã, às vezes, vou a um centro espírita, disse-me Enrique. Pensei que isso pudesse ser interessante para as suas pesquisas.

Realmente, não era um rapaz comum. Pegamos o velho fusca da Valentine. Assim que retiramos sua capa empoeirada na garagem, o carro retomou os estouros no escapamento, mas deu partida. Enrique o guiou com maestria. Com certeza, tinha o hábito de pegar o carro emprestado. A União espírita mineira ficava em uma grande avenida no centro da cidade. Belo Horizonte, a capital de Minas Gerais, tinha menos charme do que Ouro Preto. Encontramos facilmente um lugar para estacionar, o que me fez pensar que haveria pouca gente. Enganei-me. Havia uma grande atividade por trás da porta branca e azul. Alguns stands, que vendiam aparentemente roupas e várias bugigangas, eram frequentados por pessoas de todas as idades. Quando nos sentamos para beber um café ruim em uma mesa de fórmica, pude constatar que eram todos de classe média modesta. Quinze minutos antes da sessão, entramos na fila no andar de baixo. Ela foi rapidamente dissolvida por um anfitrião extremamente cortês que nos mostrou que havia cadeiras em uma grande sala. A ordem era perfeita, o silêncio completo, assim como pedia um cartaz kitsch ao lado do púlpito, atrás do qual uma mulher de cerca de cinquenta anos esperava. Uma mulher da mesma geração, com os cabelos loiros descoloridos, em breve juntou-se a ela. Era a locutora. Pegou o microfone e, com a ajuda de *O Evangelho segundo o espiritismo*, como anunciava o pequeno papel distribuído na entrada, começou a falar

da parábola “É preciso dar a César o que é de César.” Fiquei surpreso que, durante os cinco minutos que durou sua fala, não houvesse proselitismo, mas sim, comentários marcados pelo bom senso e aplicáveis na vida cotidiana. Aliás, era tudo tão claro que não precisei de tradução para compreendê-la. Falou um pouco de política. Havia eleições no Brasil, explicou-me Enrique, em seguida. Quando o discurso terminou, fomos convidados a receber um passe. Seria fácil se espantar com o fato de que os espíritas precisassem fazer passes para viver... Mas tratava-se de uma imposição das mãos. Estava curioso. A ordem continuou a reinar. Retomamos uma fila indiana ainda mais eficiente do que na entrada.

Após termos esperado alguns minutos em um corredor, fizeram-nos entrar por grupos de sete em outra grande sala. Tivemos que nos sentar, cada um em uma cadeira, e a pessoa diante de nós passava as mãos em volta de nosso rosto. Atrás delas, e a nosso lado, havia sempre duas pessoas sentadas em cadeira idênticas às nossas. A pessoa à minha frente terminou dizendo “Graças a Deus.” Estava prestes a deixar o local, mas fui retido. Havia outra sala, outra imposição. Não vi muita diferença e acho que também terminou por um agradecimento divino.

Assim paramentados, voltamos à avenida. Não mais de 45 minutos haviam passado. Disse a Enrique que havia sentido uma energia durante esses “passes” - que teria chamado de enganação há algum tempo atrás. Não sei bem porque disse isso, sem pensar e sem estar certo de ter realmente sentido algo.

Esse termo de passes era novo para mim, li mais tarde do que se tratava. Um centro espírita francês falava sobre a questão: “os passes são transmissões de uma força física e espiritual, dispensando todo contato físico.”<sup>27</sup> Aprofundei um pouco a pesquisa até me deparar com o termo “perispírito”: “do ponto de vista técnico, o passe é uma ação orientada por certos fluidos. Sua aplicação se faz de perispírito a perispírito.” Entendi que isso significava um corpo intermediário entre o físico e o espiritual. Era uma palavra inventada por Allan Kardec. Li - acredito que pela primeira vez, e isso tomaria importância em seguida em minhas pesquisas - a expressão “fluido universal”. Era qualificado como “elemento primitivo do corpo carnal e do perispírito, que são apenas transformações.” De acordo com os princípios espíritas, esse fluido intervinha nos passes e podia ser administrado por um ser vivo ou “desencarnado” - que havia, portanto, passado para o outro lado. Sua energia e sua vontade podiam multiplicar o efeito do passe. Não ficava claro se esse fluido tinha uma influência sobre o espírito e o corpo ao mesmo

---

<sup>27</sup> Copyright (C) 2006 Encyclopédie Spirite - Março 2006, <http://www.spiritisme.net>

tempo. Talvez os dois se confundissem? Deveria ser fortemente confrontado com essa questão mais tarde. Retomarei o assunto.

# 5.1

---

Alguns dias após meu retorno a Lima, peguei novamente o avião, desta vez com destino à França. Devo dizer que se tratava de uma viagem bem menos alegre do que a anterior.

Cada vez que chegava no aeroporto de Roissy durante o inverno, encontrava uma fria sensação de estranhamento. Primeiro, a passagem pela ponte de embarque, colada à porta do avião como se fosse aspirar seu interior. Mais um estágio, uma etapa intermediária entre o país que se havia deixado no verão e aquele que se encontrava no inverno. Os longos passos pelos corredores, as diversas esperas e depois, após a retirada das bagagens, uma descida em direção à estação de trem. O frio e o cansaço instalavam-se efetivamente na plataforma, antes que o ponto lá ao longe no túnel se transformasse em um longo trem de alta velocidade no qual eu poderia dormir.

Antes de subir no trem, havia recebido uma ligação de minha irmã. Ela me esperava no estacionamento da estação. Carreguei minha bagagem pesada até o único elevador que subia da plataforma até o estacionamento. Assim que me avistou, Cleo precipitou-se e quis pegar todas as malas. Como era uma mulher que mantinha sempre os mesmos hábitos e dentre eles, não constava o de descer até a plataforma, acabou por não o fazer. Aliás, Jim, você sabe que isso não é permitido. Cleo levava uma vida bem regrada na casa de minha mãe. No entanto, sua vida era um enigma. Na juventude, bonita e com um temperamento sociável, atraía todos os olhares. Aos quarenta e um anos, era garçõete em um bar da cidade. Garçonetes com estudo superior em literatura, não havia muitas.... Aos 20 anos, grávida, teve que interromper repentinamente seus estudos, para desespero de meus pais que, para dizer a verdade, confiavam mais no seu futuro do que no meu. O pai da criança, um estudante despreocupado, queria reconhecer o filho, mas Cleo acabou descobrindo que o tal estudante despreocupado já era casado. Sua depressão durou alguns anos durante os quais nosso pai teve tempo de morrer em decorrência de um câncer. Cleo e minha mãe iniciavam, sem saber, um longo período de vida em comum. Fiquei mais feliz em ver minha frágil mãe, sempre ágil, do que minha irmã, cada vez mais moldada em princípios. Como uma jovem brilhante havia podido se tornar tão conformista e desinteressante com a idade? Que tipo de depressão havia podido levá-la a se contentar com um emprego que, juntamente com a televisão, a tornava estúpida, dizendo apenas banalidades. Será que essa atitude havia influenciado os desatinos de seu filho ou a mesma havia sido acentuada pelas dificuldades que tinha com ele? Durante o trajeto, quase não me perguntou sobre minha vida em Lima, como se fosse totalmente inacessível para ela.

Nossa mãe, no entanto, envelhecia bem. Tinha sempre esse olhar um pouco distante e irônico que me agradava. Apesar do amor que sentia por ele, não tinha nenhuma ilusão em relação ao seu neto.

- Sabe, desde que não mora mais conosco, o Sergio não telefona muito para nós. E quando ligamos para ele, geralmente, não responde. Domingo passado, consegui falar com ele, mas me disse: “ Desculpe vovó, estou ocupado, pode me ligar mais tarde? ”

- Talvez ele mude um dia, disse eu sem muita convicção.

- Talvez, respondeu minha mãe, fatalista. Queria que você soubesse que, apesar de sua irmã pensar que me esconde os fatos, estou perfeitamente ciente de que ele perdeu seu emprego novamente.

De comum e tácito acordo, mudamos de assunto e passamos à tia Valentine e à viagem a Ouro Preto. Minha mãe sabia que ela havia publicado um livro. Falavam-se frequentemente. Não havia entre elas essa distância que se acentuava ao longo dos anos entre Cleo e eu. Estava orgulhosa e mostrava-se curiosa com todos os detalhes do lançamento. Eram 22h quando começamos a falar sobre o assunto. Cleo tinha ido dormir. Visivelmente, a Inconfidência lhe dava sono. Descrevi a cidade de Ouro Preto pelo menu.

- Quando você vai resolver ir até lá, mãe?

- Sou velha demais para isso. Mas tenho uma ideia de como é a cidade. Sua irmã me mostrou algumas fotos e até um vídeo na Internet. Parece encantador, mas muito íngreme para uma velha senhora como eu. E você sabe, na minha idade, viajamos sem nos deslocar, com os pensamentos, e bem mais do que você imagina.

É verdade, a velhice prepara para a morte, a torna mais branda. Quanto mais envelhecia, mais a via como uma picada anestésica com o grande desaparecimento.

Acabei contando para minha mãe o encontro enigmático com a loira alta, Amélie, durante o lançamento. Ela acreditava nessas coisas?

- Digamos que a hipótese não deve ser descartada, disse ela.

- Gosto dessa posição científica.

- As coisas não são tão simples como creem os materialistas. Basta olhar ao nosso redor. Agora, se as pessoas reencarnam, não sei. Em todo caso, posso dizer que nunca vi. Quanto a mim, minhas suspeitas baseiam-se na cura do fogo. Seu avô tinha um colega de trabalho que curava pelo fogo; acho que nunca lhe contei isso. E vi os resultados. Quando sua avó se queimava com seus fornos, ele o avisava e ela era curada. Fazia o tratamento à distância. O mais impressionante foi o dia em que seu tio queimou a mão. Tinha fabricado uma espécie de foguete. Na época, não se encontravam facilmente fogos de artifício como agora. Era terrível

quando jovem. Antes de acender, o foguete começou a queimar. Eu estava com ele. Como não queria ser descoberto e, na ânsia de apagar o fogo, tentou fazê-lo com a mão. E teve uma queimadura de segundo grau. Apesar da dor, ele me proibiu de contar a papai e a mamãe. Temia sobretudo a reação do nosso pai. Acabei contando à minha mãe sem que ele soubesse. Ela sabia que papai puniria o filho severamente. Foi então visitar seu colega de trabalho, às escondidas. Inventou não sei o quê para que ele não soubesse de nada. Disse-me depois que mostrou ao curandeiro uma foto do filho e o descreveu. Ele dizia precisar pensar com precisão na pessoa. Meu irmão nos contou que, subitamente, notou que sentia menos dor. Deve ter sido no momento em que esse senhor começou o tratamento. E no dia seguinte, não havia mais nenhum vestígio da queimadura.

Apesar do cansaço e da diferença de fuso horário, fiz pesquisas em meu notebook antes de dormir, como de costume. Essa história de fogo dividia-se em “tirar o fogo” e “cortar o fogo”. Falava-se muito de avós e de um dom que é transmitido de geração em geração. Um curandeiro cujo nome me parecia envolvido em uma aura, Serge-Léon Alalouf, era o autor do livro *Mãos que curam*<sup>28</sup>. Tentaria encontrá-lo no dia seguinte. Era preciso voltar ao papel, ainda que a Internet fosse o local das grandes descobertas. Espantei-me ao ler preces de pessoas que curavam pelo fogo. Os fóruns on-line as forneciam como que receitas de cozinha, com suas modalidades de aplicação: havia a cura por aproximação de mãos e à distância. “Fique acima da queimadura. Quando tiver a sensação de um frio benéfico, retire suas mãos. Em seguida, passe-as por água fria para evacuar o que você captou.” À distância, o curandeiro parecia precisar apenas do nome e do endereço do doente. Nem a foto de que minha mãe havia falado era necessária.

As preces eram claramente de obediência católica: São Lourenço era frequentemente invocado, assim como Cristo, e até Judas. Será que as instâncias do além validavam os erros de ortografia dessas preces transcritas nos fóruns? Eu, certamente não. Antes de desligar meu computador, mais cansado dos horrores ortográficos do que do longo dia que tive, li ainda que se tirava o fogo pelo sopro associado às preces.

Não adormeci imediatamente. Esse discurso católico condizia com um combate contra o fogo. E Judas também invocava os infernos. Mas, essas histórias já não existiam antes do cristianismo? Provavelmente sim, ainda mais que a medicina, durante a Antiguidade, não era de grande ajuda. O simbolismo católico havia se apossado dessas histórias na Europa latina.

---

<sup>28</sup> *Des mains qui guérissent*. Robert Laffont, 1974

Na minha busca por vestígios objetivos dos fenômenos paranormais, pensava na cura do fogo tendo em vista as experiências de quase-morte. Acreditava no testemunho da minha mãe. Além disso, cientificamente, era difícil - ou até mesmo, digamos, impossível - imaginar que todas as pessoas que haviam visto a cura das queimaduras, ou que a haviam experimentado, mentissem ou fossem vítimas de alucinações. Era palpável, tangível, enquanto que as experiências de quase-morte eram individuais. Havia também um ponto em comum entre essas experiências que dava crédito às duas: elas dizem respeito a um grupo de indivíduos, se levarmos em consideração as estatísticas das pessoas envolvidas. As duas experiências eram, portanto, científicas.

Entra-se no cemitério do Père Lachaise pelo nº 16 da Rua do Repouso. É natural. Dizem que a melhor época para visitar o local é o outono. As folhas que caem são levadas pelo vento das ruelas em uma atmosfera de fim de vida. O silêncio é interrompido pelo burburinho dos passos dos visitantes. Parecem pedestres de uma cidade, tão vasto é o espaço. 44 hectares tomam as fragrâncias do húmus e da vegetação rasteira quando chega o mês de outubro. Corvos, ou talvez grandes gralhas, cadenciam a vida sonora com seus gorjeios. Não poderiam faltar.

Quando fui até lá, nesse início de janeiro, após ter passado duas semanas na casa de minha mãe, o cemitério estava banhado de luz. Era um desses dias em que acreditamos muito precocemente que o inverno foi vencido. Os corvos haviam momentaneamente batido em retirada. Havia sido substituídos por gatos, que se esticavam preguiçosamente sobre placas de cimento e pedras que haviam ficado quentes. O sol inundava o local sem que as árvores desfolhadas pudessem impedir. Como ele nunca é ardente nessa estação, muitos visitantes não se apressavam. Passeavam sem rumo, como em um parque, entorpecidos em seus pensamentos. Cruzei com eles e senti uma espécie de simbiose com essas pessoas. Era a primeira vez que entrava no local. Até eu me surpreendi com isso. Como um professor de história tinha podido ignorá-lo até então? É verdade que não havia vivido muito tempo na França. Mas, mais do que isso, a questão é que a morte não me interessava. Tinha outras batalhas.

Atravessei Paris de ônibus de oeste em direção ao leste. Era menos prático do que o metrô, mas não queria perder um só minuto do meu reencontro com a cidade. A linha 69 levou-me até Roquette-Père Lachaise. Caminhei pelo Boulevard de Ménilmontant. Havia pegado um mapa na entrada, oferta da prefeitura de Paris, que consultei atentamente. Li que não era

permitido fazer piqueniques no cemitério e que era proibido entrar com bebidas alcoólicas. Isso mostrava bem que o local recebia curiosos, turistas e talvez até mesmo frequentadores habituais. Pensei no cemitério de Villa El Salvador, em Lima, e na época em que fazia minha pesquisa sobre o Sendero Luminoso. Os cholos ou serranos<sup>29</sup>, como eram chamados um tanto pejorativamente pela população branca, iam almoçar sobre os túmulos no Dia dos mortos. Vestiam suas melhores roupas e traziam para perto de seus defuntos pratos de que eles gostavam em vida. Um costume estranho, talvez, mas tudo depende de onde se observa.

A primeira página do mapa, ornada de um jazigo que lembrava as curvas do estilo manuelino de Portugal, sobre um belo fundo bordô, anunciava “as sepulturas mais solicitadas”. Percorri os nomes da mesma forma como se busca os de familiares em uma lista de desaparecidos. Balzac foi o primeiro a chamar minha atenção. Sabia que estava ali, mas pensei em seu personagem Rastignac que, justamente, na colina que é agora o Père Lachaise, no final de “O Pai Goriot”, dizia contemplando Paris: “Agora, é entre nós dois!” Durante minha visita, passaria diante de seu túmulo, pequeno, mas em destaque com o busto erguido sobre ele. Depois de ter enterrado o Pai Goriot no Père Lachaise, Balzac havia ficado acima de Paris, como Rastignac. Pude me lembrar de que morreu jovem, em todo caso, para os padrões do século 21. Tinha 51 anos. Diziam que havia escrito tanto que, na hora de sua morte, confundia a realidade e a ficção. Chamou por Horace Bianchon, o médico da Comédia Humana, durante sua agonia. Mas será que delirava realmente? Alguns de seus personagens são mais do que personagens. Vão e voltam, reaparecem em toda a sua obra e, afinal, a vida não é uma comédia humana?

O guia acrescentou à história um detalhe interessante. Victor Hugo pronunciou a oração fúnebre de seu colega escritor. Chovia tanto no dia do enterro que ele escorregou na borda da cova e caiu sentado sobre o caixão.

Fiquei surpreso ao ler o nome de Miguel Angel Asturias nas proximidades alfabéticas de Balzac. O que fazia ali o escritor guatemalteco? Não obtive a resposta com o guia que, um pouco mais tarde, me mostrou seu túmulo. Nele, não faltava originalidade. A lápide era um totem maia.

No início da visita, depois de ter entrado pela Rua do Repouso, o guia me explicou - era seu único cliente - que a ala principal ficava bem próxima. Eram lá que estavam enterradas as celebridades. No entanto, podia-se evitá-la - acrescentou, com uma ironia que, a meu ver, deveria reservar para um público francês - pois às vezes as celebridades deixavam de sê-lo.

---

<sup>29</sup> Literalmente, aqueles que moram na montanha (“sierra”).



Difícil assegurar a eternidade. E eu, que tinha a intenção de me aproximar dela com minhas pesquisas...

No meio do cemitério, encontrei alguns caminhos com nomes interessantes que havia identificado no mapa: Caminho Meuvizinho, caminho do Dragão, caminho do Galo, caminho das Cabras ou o bem nomeado Caminho do Pai Eterno. E enquanto caminhava sobre essas camadas de mortos, os novos substituindo os antigos em um movimento contínuo, me perguntava o que faziam esses defuntos. O que havia acontecido com todas essas vidas? Seja para os ateus, os católicos ou os espíritas, não havia nada sob o cemitério. Poeira, restos mortais, carcaças. As pessoas na parte de cima do solo estavam lá para se lembrar disso. O local era para elas, mais do que para os que estavam embaixo. O mundo imaterial, do qual falam os religiosos, era menos tangível do que esse monte de restos mortais? A morte, esse único destino comum da humanidade. Nem mesmo a ciência não podia fazer nada diante do fato. A arte, talvez, fizesse esquecer a morte por um instante ou a sublimasse...

Havia feito a reserva do guia pela Internet. Ao atravessar a Porta do Repouso, ele me esperava. O primeiro túmulo diante do qual parou foi o de Héloïse e Abélard. O romantismo combinava bem com o local. Abélard apaixonou-se, nos primeiros anos do século 12, por sua aluna Héloïse que, logo depois, deu à luz Astrolabe. Os dois entraram, em seguida, na vida monástica e Abélard tornou-se um padre importante da abadia de Cluny. Essa história só poderia ser contada no século 19. Foi em 1817 que o belo monumento - com as duas efígies que os representam - foi construído e que seus restos mortais foram transferidos ao Père Lachaise. Abélard e Héloïse estavam retratados com traços delicados. Atemporais e assexuais, já que o rapaz havia sido castrado sob a ordem do tio de Héloïse.

O túmulo de Chopin tinha uma dedicatória simples e informal. A frase “A Fred Chopin” o tornava familiar. O que também o aproximava do presente, a meu ver, era o fato de que seu túmulo era regularmente coberto de flores por poloneses de passagem por Paris. Não sabia que o coração do compositor havia sido, segundo o seu desejo, transportado para a Igreja Santa Cruz de Varsóvia. Morto aos 30 anos, Liszt teria dito do colega: “Chopin passou por entre nós como um fantasma.”

Como eu havia tido tempo de dizer ao guia que morava na América do Sul, ele me informou, diante da sepultura de Auguste Comte, que a mesma era muito apreciada e mantida por brasileiros, assim como a de Allan Kardec, que eu também poderia ver. Não lhe disse que era meu objetivo principal. Deixei-o indicar o que eu sabia perfeitamente, que o lema do Positivismo “ordem e progresso” adornava a bandeira brasileira. Eu poderia ter acrescentado

que a casa de Clothilde de Vaux, seu grande amor, havia sido comprada pela Igreja positivista do Brasil no início do século, mas não tinha me apresentado como historiador. Enquanto esperava, o guia explicou-me que a inscrição “A Auguste Comte e seus três anjos” referia-se justamente a Clothilde, à sua mãe e à sua jovem empregada que considerava como sua filha adotiva. A priori, tudo separava o ateu, adepto da religião humanista, do criador do espiritismo. Há muito tempo eu simpatizava com o escritor agnóstico que tanto havia feito pela difusão da razão científica. No entanto, os dois não eram quase que exatamente contemporâneos por acaso. Hippolyte Léon Denizard Rivail, conhecido como Allan Kardec, também tinha uma visão científica e altamente experimental influenciada pelo Positivismo, como eu já sabia desde a minha primeira visita ao Brasil.

Até então, apenas ergui a cabeça quando o guia declarou que o cemitério estava no centro da sociedade positivista, já que era útil apegar-se a objetos materiais para evocar melhor os mortos. Concordava com ele: tratava-se de uma encenação para os vivos e não para os mortos. Ainda penso assim.

O guia mostrou-me, em seguida, a sepultura da família Raspail, situada na rotatória Casimir Périer. Tinha ouvido falar de François-Vincent Raspail, cujo nome havia sido dado a um bulevar parisiense. Era um cientista e um político nesse século 19 no qual a ciência se intrometia em tudo, nesse período de sede e de fé no progresso. Quando estava suficientemente próximo da sepultura, vi uma estátua coberta por um manto e cujo braço direito estava agarrado à janela superior do monumento. O manto cobria até o rosto e não se sabia se o espectro entrava ou saía da sepultura.

- Dizem que esse manto, explicou o guia, representa a esposa de François-Vincent Raspail, falecida quando seu marido estava na prisão. É a um respiradouro que sua mão está presa. O termo é repleto de sentidos. Era um revolucionário fervoroso e teve vários problemas judiciais por ter se oposto ao poder real.

- Pelo menos não foi enforcado como o Tiradentes da história brasileira, disse como que para mim mesmo. É a sua mulher que está pendurada junto ao seu túmulo...

- Sua mulher, que se chamava Henriette Troussot, também se encontra no interior da sepultura, não se preocupe. Mas quem era esse Tiradentes?

- Um homem - aliás, também cientista, pois trabalhava como dentista quando podia - que conduziu uma rebelião no Brasil contra a Coroa portuguesa no século 18.

Alphonse Daudet estava separado de La Fontaine pelo caminho que levava os nomes de Molière e do escritor de fábulas. Será que Daudet estava condenado, como o reverendo

Balaguère de seu conto *As três missas rezadas*, a rezá-las eternamente por ter despachado, por gula, as missas de Natal? Só de lembrar desse texto, que exalava o agradável perfume da região do Midi, na França, tinha quase a impressão de ouvir o autor falar comigo com o sotaque meridional. Seu filho, Léon Daudet, era bem menos engraçado, apesar da reputação de bon-vivant e de truculento: o fato de ser monarquista e, ainda por cima, antissemita e admirador de Mussolini, falava mais alto para mim.

Claro, La Fontaine também era um « fabuloso contador ». O fato de tê-lo como vizinho não devia incomodar o bom Daudet. O guia contou que o próprio La Fontaine havia redigido seu epitáfio<sup>30</sup>, que pôde ser gravado depois que ele teve um mal-estar, em 1695, ao voltar da Academia Francesa. Dizem que, ao fazer sua toailete mortuária, descobriu-se cilício sobre seu corpo, um tecido áspero destinado a provocar as dores da penitência. Algo estranho: seu confessor não lhe havia prescrito essa penitência. Os restos mortais de La Fontaine tinham sido transferidos em 1814 ao Père Lachaise, assim como os de Molière. Ao enterrar celebridades no local, buscava-se uma operação de comunicação. E ela deu resultados: os parisienses do século 19 que achavam o Père Lachaise muito longe passaram, subitamente, a ter vontade de repousar lá após a morte.

As duas horas de visita foram agradáveis, mas fiquei contente, por volta das 13h, de me encontrar só. Perto da tumba do general Hugo, o pai do escritor, onde meu guia havia me deixado, tirei discretamente meu sanduíche de atum e maionese da minha mochila. O piquenique era proibido, conforme estava indicado claramente, mas não havia uma alma viva, digamos assim. Apoiado em um pequeno mural, todos os meus sentidos estavam aguçados por agradáveis perspectivas: o gosto do pão parisiense e a deliciosa mistura do atum e da maionese, a vista sobre o Caminho do Dragão onde, no meio das tumbas, as árvores desatavam seus ramos à espera da folhagem e o sol que lambia as pedras, o odor de umidade e de madeira e a audição que só precisava concentrar-se no silêncio. Não percebi imediatamente que roçavam minha calça. Quando notei, o gato que havia se aproximado para dividir minha refeição afastou-se com um passo majestoso e pouco impressionado. Eu o havia notado alguns minutos antes, quando dormia sobre uma sepultura. A pedra era um material excelente para manter o calor nesse dia ensolarado de inverno. Os gatos sabiam aproveitar esses locais onde

---

<sup>30</sup> Jean se foi como tinha vindo,  
Comeu o que sobrou com o que rendeu,  
Poliu os tesouros, algo pouco necessário.  
Quanto a seu tempo, soube dividi-lo bem:  
Fez dele duas partes, das quais passava  
Uma a dormir e outra sem nada fazer.

podiam se alongar prazerosamente. Havia segredos que esse animal ou seus companheiros conheciam? Ora, o cemitério à noite devia ser idêntico ao que era durante o dia. Claro, a escuridão tornava-o necessariamente mais estranho. Era, aliás, preto e branco como o dia e a noite. Esses anfitriões felinos, que se deitavam ao sol durante o dia, deviam circular à noite em seus pequenos recantos. Silenciosos, ágeis, capazes de ver na escuridão, eram perfeitamente adaptados. Alguns anos mais tarde, um médium, de quem voltarei a falar, disse-me que havia tido a revelação do papel dos animais. Eram os laços entre os homens e a terra, como inspirava sua posição rastejante. A explicação me pareceu convincente. No Père Lachaise, meu último pensamento sobre os gatos trouxe-me à memória uma menção em um site que havia consultado para preparar minha visita. Dizia que os antigos ritos pagãos queriam que se sacrificasse um homem a cada abertura de um novo cemitério. Ele tornava-se assim guardião do mesmo. O site contava também que o espectro que mais se via no Père Lachaise era o de um gato ruivo de um tamanho incomumente grande.

Por volta das 13h30, cheguei na avenida de Saint Morys. Fui interrompido por uma mulher que passou diante de mim, sem parar nem me olhar. Era uma senhora. Sua roupa era surpreendente. Estava vestida com um vestido rendado que parecia sair do século 19. Usava também um véu.

- Perdão, senhora, disse com voz alta, esperando vê-la mais de perto.

Foi como se ela não tivesse ouvido nada. Continuou avançando lentamente sem esboçar o menor gesto de que iria se voltar. Por um momento, fiquei tentado a segui-la, depois disse para mim mesmo que devia haver vários excêntricos como ela no Père Lachaise.

E além disso, já não estava muito longe do túmulo que procurava e que queria ver sozinho. Como havia dito a livreira de Ouro Preto, vários visitantes vinham até lá. Não estavam presentes nesse comecinho de tarde, mas a sepultura estava florida. Parecia kitsch no meio dessas belas pedras. Era um dólmen, sim, encomendado pelo próprio Kardec. Antes de voltar para Paris, e depois de ter me informado na Internet, havia comprado *O livro dos espíritos* que comecei a ler no trem. O prefácio foi redigido pelo Conselho Espírita internacional. Li que Hippolyte Léon Denizard Rivail tornou-se Allan Kardec depois que, durante uma sessão espírita, um espírito entrou em contato com a assembleia dizendo que o conhecia, que ele havia sido druida no tempo da Antiguidade celta. Acima do feio dólmen, li a frase: “Nascer, morrer, renascer de novo e progredir sem cessar, tal é a lei.”

Peguei um papel no qual havia um resumo do que tinha encontrado sobre a morte de Allan Kardec. Devia haver em algum lugar uma outra frase que dizia: “Todo efeito tem uma

causa, todo efeito inteligente tem uma causa inteligente, o poder da causa inteligente está na razão da grandeza do efeito...” Encontrei-a abaixo da pedra que sustentava o busto do fundador do espiritismo. Foi Camille Flammarion, o astrônomo positivista, que disse em seu discurso fúnebre: “Pois, senhores, o espiritismo não é uma religião, mas sim uma ciência da qual conhecemos apenas o abecê... Em que consiste o mistério da vida? Por que laço a alma está amarrada ao organismo? Por que desenlace ela escapa do mesmo? Sob que forma e em que condições ela existe após a morte? Que lembranças, que afetos guarda? Aí estão, senhores, tantos problemas que ainda estão longe de serem resolvidos e cujo conjunto constituirá a ciência psicológica do futuro.” Assim, o espiritismo tinha realmente sido um tema de interesse dos positivistas. Flammarion frequentava as sessões espíritas na companhia de Allan Kardec e de Victor Hugo. Ele mesmo havia escrito, em seguida, obras inspiradas nesses preceitos.

Ainda não havia ninguém ao redor do monumento. Aproximei-me do busto e, como todo mundo, toquei-o. A priori, nenhum efeito, que pena! Não era muito sutil, mas a pesquisa devia ser baseada na experimentação, como diziam esses positivistas, que também haviam sido espíritas. O próprio Kardec, pelo menos na época em que ainda era Rivail, fazia parte desse movimento científico. Aliás, o mesmo levou-o ao espiritismo. Na qualidade de pedagogo positivista, quando tinha cerca de cinquenta anos, foi convidado a assistir a sessões de mesa girante para que colocasse em ordem as informações que os participantes diziam vir dos espíritos. Morreu relativamente jovem, cerca de quinze anos mais tarde, durante os quais se encarregou de estabelecer os princípios do espiritismo. Além do livro fundador, *O livro dos espíritos*, tinha redigido outros cinco. Dois eram frequentemente citados: *O livro dos médiuns* e *O Evangelho segundo o espiritismo*. Morreu de uma ruptura de aneurisma. Não sabia ao certo o que pensar desse fim. Banal, talvez não doloroso. Em todo caso, havia atacado seu cérebro, local onde o mais comum dos mortais guarda o entendimento. Os espíritas, quanto a eles, tinham uma concepção bem diferente.

Rivail-Kardec faleceu em um 31 de março. A data de 1º de abril lhe teria sido evitada. Teria sido desagradável. No entanto, foi realmente em um 1º de abril, em 1858, 11 anos antes de sua morte, que ele fundou em Paris a primeira revista espírita sob o nome da Sociedade parisiense dos Estudos Espíritas. Enterrado primeiramente em Montmartre, após um acordo entre a Sociedade e a viúva de Allan Kardec, um local foi comprado no cemitério do Père Lachaise, um monumento com a forma de dólmen recebeu os restos mortais do mestre do espiritismo e, mais tarde, o corpo de sua esposa veio juntar-se ao dele.

Coloquei-me em pé, na altura do busto de Allan Kardec. Ajustei minhas notas como se fosse ter uma conversa com ele, olhos nos olhos. Havia deitado sobre o papel, agora amassado, com os textos que encontrei na internet na biografia redigida por seu discípulo Léon Denis. Dizia especificamente que desde 31 de março de 1870, um ano após sua morte, espíritas encontravam-se em volta de seu mausoléu para celebrar sua memória. Enquanto lia, notei vários vasos de flores no meio do monumento, alguns com coisas horrorosas que mostravam a força do culto e uma bandeirinha brasileira. Nada surpreendente. Allan Kardec era bem mais conhecido no Brasil do que na França. Havia sido esquecido no meu país. No entanto, quando morreu, todos os jornais falaram do ocorrido. Cento e trinta anos após seu falecimento, alguém ainda se lembrava dele: em 1º de julho de 1989, um atentado com um explosivo danificou seu monumento fúnebre. Um correspondente do movimento da “supremacia da razão” reivindicou anonimamente o ato. De acordo com os documentos que havia recolhido, ele parecia, contudo, estar longe de ser um inimigo da razão, em todo o caso, antes de se tornar o papa do espiritismo. Reli o que ele havia escrito em 1866: “Publiquei quatro volumes fundamentais sem falar de coisas acessórias. Os espíritos me apressam para publicar a Gênese em 1867, antes dos distúrbios. Durante o período de grande perturbação, deverei trabalhar nos livros complementares da doutrina que só poderão ser publicados após a grande tormenta, e para os quais precisarei de três a quatro anos. Isso nos leva pelo menos até 1870, ou seja, a cerca de dez anos.” Será que ele tinha previsto a derrota de Sedan e os distúrbios que aconteceriam em seguida em Paris? Seus famosos espíritos familiares tinham desejado evitar esse constrangimento para a sua obra? Eu havia encontrado esse texto na biografia de Léon Denis: “Mas ele sabe que não deve durar mais que dez anos ao todo; várias comunicações o avisaram sobre esse prazo e até lhe anunciaram que sua tarefa só terminaria em uma nova existência que viria logo depois da sua próxima desencarnação; sendo assim, ele não quer perder nem um minuto para dar ao espiritismo tudo o que está em seu poder de força, de vitalidade<sup>31</sup>”

Entre 1835 e 1840, havia organizado em sua casa em Paris, na rua de Sèvres, aulas gratuitas de química, de astronomia e de anatomia comparada. Esse homem, dos tempos do Positivismo e cujas costeletas o identificavam inevitavelmente com o século 19, havia dito diante das primeiras mesas girantes a um certo Fortier: “Acreditarei quando vir, e quando me tiverem provado que uma mesa tem um cérebro para pensar, nervos para sentir e que pode se tornar sonâmbula; até então, permitam-me ver nisso apenas uma história totalmente inverossímil.” Imagino que ele deva ter sido vítima ou beneficiário de uma verdadeira

---

31 Biografia de Léon Denis

revelação para ter, em seguida, abraçado, levado com ele, o espiritismo. Também havia declarado: “Sou um homem positivo, sem entusiasmo, que julga tudo friamente; raciocino segundo os fatos.”

- Hippolyte ou Allan, seja você quem for, seu percurso científico me interessa. É possível que você o tenha levado até o fim? É o que gostaria de saber.

Quando um grupo se aproximou, afastei-me. Fui ver “Boa-mãe”. Meu caminho levou-me por Modigliani. Essa passagem era constituída por túmulos baixos que, contrariamente às outras partes que conheci, faziam com que o local parecesse com um cemitério tradicional. O túmulo de Modigliani não tinha nada de especial, mas estava coberto de bugigangas mais apropriadas a um rock star. A lápide estava repleta de flores cortadas, de bilhetes, de tíquetes de metrô. Havia até moedas e um maço de cigarros. O pintor repousava com sua jovem esposa, morta logo após o marido e ainda mais tragicamente do que ele.

Sabia há pouco tempo que o túmulo de Boa-mãe era uma outra passagem obrigatória dos espíritas em visita ao Père Lachaise. Contemporânea e mais jovem do que Allan Kardec, nascida em 1821, ela tinha escrito, durante sua longa vida, vários livros sobre o tema. Seu verdadeiro nome era Rufina Noeggerath. Aparentemente de origem finlandesa, devia seu apelido a suas qualidades morais. Tinha um salão muito frequentado onde havia também artistas conhecidos. As crenças populares espíritas orientavam a se estender sobre o túmulo para recuperar a vista. Sempre quis abrir meus olhos, mas provavelmente não se tratava da mesma operação. Boa-mãe dizia, como Kardec, que seu livro *A sobrevivência*<sup>32</sup> havia sido inspirado pelos espíritos. Eu havia anotado que essa mulher corajosa, que tinha se interessado pelo espiritismo em 1852 para se comunicar com seu marido falecido, escrevera: “ A sobrevivência é uma verdade provada, inegável, fora de qualquer dogma. Não pode ser considerada como uma religião, visto que seu estudo tem como resultado libertar o espírito, tornar o pensamento livre e ela está acessível a todos, independentemente das convicções religiosas.” Reencontrava-se a inabalável convicção de seu predecessor e a vontade de não fazer uma seita do espiritismo, mas, ao contrário, inscrevê-lo nas verdades científicas. Contrariamente aos Kardecistas, a quem ela prestava homenagem por terem “aberto uma brecha da qual saía luz”, essa mulher anticlerical não falava de espíritos, mas “de extraterrestres” na medida em que, segundo ela, todo espírito estava envolto por matéria e que no espaço o desencarnado mantinha ainda um pouco de materialidade. Ao contrário de Kardec, que nunca havia se vangloriado de sê-lo, Rufina era médium. Isso a tornava mais credível?

---

32 La survie. Editora Fernand Lanore, 2013

Certamente não, mas ela estava mais próxima dos fenômenos, verdadeiros ou falsos, que contava.

Sai do cemitério Lachaise pela Porta Gambetta. Um gorjear de corvo ressoou quando atravessei os muros. Não dei outra importância ao fato além de uma expressão com duas palavras: “Bicho nojento”.



# 6. |

Naquele ano, o retorno a Lima foi literalmente um raio de sol. O verão, é verdade, estava no seu ápice. As brumas só subiriam do Pacífico invadindo a cidade quatro meses mais tarde. A viagem à França não havia sido das mais divertidas - o Père Lachaise havia quase que encerrado alegremente dias de melancolia.

É difícil analisar as coisas de forma imparcial e objetiva. No entanto, eu tentava. Deveria morrer dentro de vinte e cinco anos, se as estatísticas estivessem corretas<sup>33</sup>. As médias deviam ser inferiores no Peru<sup>34</sup>, mas me divertia ao dizer para mim mesmo que isso não era um bom motivo para voltar para a França. Morava em uma cidade de que gostava, tinha um trabalho interessante, minha curiosidade estava aguçada por minha pesquisa. E, quanto ao que não estava bem, não o poderia levar para o túmulo. Aliás, aquilo de que gostava também não.

Antes de mais nada, estava com vontade de comer peixe. Marquei um encontro com meu velho amigo Claudio Pérez no restaurante Punto Limón de Chorrillos. A entrada do imóvel ficava em frente ao ponto do ônibus Metropolitano, no Paseo de la República. Havia tomado o ônibus expresso na Ricardo Palma. O interior do restaurante era quase tão kitsch quanto o túmulo de Allan Kardec. No entanto, sabia que o *cebiche* era saboroso e a *jalea*<sup>35</sup>, frita no ponto certo. Estava comendo *canchitas*<sup>36</sup> e bebendo um *pisco sour* quando Claudio chegou.

- Você nem está atrasado, disse-lhe abraçando-o à moda sul americana.

- Faz tanto tempo que não me liga mais que não iria perder a chance de revê-lo.

Não esperava que Claudio declarasse um sentimento como esse. Era provável que, muitas vezes, eu tivesse deixado algumas pessoas à beira do caminho. “Analisar os fatos de

---

<sup>33</sup> Havia feito um cálculo preciso com o qual eu mesmo me surpreendo. De fato, tinha 58 na época e morri em 2037.

<sup>34</sup> Em 2012, a esperança média de vida de um homem era de 78 anos na França e de 70 no Peru diante de 84 e de 74, respectivamente, para as mulheres.

<sup>35</sup> Pedacos de peixe e de frutos do mar servidos fritos.

<sup>36</sup> Grãos de milho fritos servidos como aperitivo.

forma imparcial e objetiva” é perder e também reencontrar. Ao longo desses últimos vinte e cinco anos, tínhamos nos visto de vez em quando, talvez não tão frequentemente quanto teria sido possível. Nosso último encontro fora há cerca de um ano. Havíamos nos encontrado por acaso no Centro cultural da PUC, onde estávamos indo assistir a *Un cuento chinés*, um filme argentino - com o talentoso e inevitável Ricardo Darín - que nós dois apreciamos e do qual falamos, dentre outros assuntos, em um dos raros bares de San Isidro que ficam abertos até tarde.

- Também veio de ônibus?

- Ah, não, sou muito velho para isso. Agora, sou conduzido. Meu filho me trouxe até aqui.

- Ele lhe deu a permissão para sair à tarde, já que você não tem a da meia-noite?

- O fato de ele me trazer e levar de carro não significa que eu more com ele nem que ele dirija a minha vida. Por falar nisso, você também continua fumando?

- Um pouco, de vez em quando. De qualquer forma, não se pode mais fumar em lugar nenhum.

Pensei que fosse propor que saíssemos para fumar, mas não o fez. Aos oitenta anos, Claudio continuava escrevendo. Felizmente, dizia, sua família tinha dinheiro, pois nunca havia ganhado a vida com suas publicações. Vinha de uma família de proprietários rurais - que haviam sido expulsos durante a reforma agrária de Velasco<sup>37</sup> - e que se instalara em Lima, onde possuía imóveis. Era respeitado no meio teatral. Estava longe de, como Vargas Llosa, ter conseguido fazer com que um público internacional se interessasse por suas temáticas peruanas, mas vários grupos de Lima haviam encenado suas peças. Aliás, gastava seu dinheiro um tanto despreocupadamente, pois considerava que seus descendentes deviam se virar também para ganhar a vida.

- E o que está escrevendo neste momento?

- Estou atacando o mercado internacional.

- Ah é? Você se tornou um homem de negócios?

- Não, estou atacando o mercado da arte. Tem uma hora em que o esnobismo em torno da arte contemporânea me irrita. Se disser que não vejo interesse algum em um colchão sujo pendurado na parede, em plumas e ossos como estátuas ou em um quadro branco cortado por uma linha preta, serei considerado um velho reacionário. Mas se escrever isso, não é a mesma coisa.

---

37 Juan Francisco Velasco Alvarado, presidente da República peruana, de 1968 a 1975, militar reformador.

- Isso me lembra “Art”, de Yasmina Reza. Sabe, a história de três amigos que vão brigar entre si por causa de um quadro branco comprado por Serge, um médico rico e esnobe.

- Conheço vagamente o tema dessa peça. Nunca a vi montada. Não me conte mais nada, não quero ser influenciado.

- E como anda o teatro peruano? Não vejo muita coisa nos jornais.

- Também não se interessa muito por ele, imagino. Consegui levar você uma única vez para ver as festividades do Dia internacional do teatro. Você se lembra, 1987, em Villa El Salvador?

- Lembro...

Sorri.

- Claro, guardei principalmente os aspectos políticos. Bom, mas mesmo assim, lembro-me bem de Yuyachkani e li em algum lugar que eles continuavam.

- Sim, isso mesmo. Infelizmente, não sou o autor favorito deles. Aliás, suas peças são muitas vezes criações coletivas. Mario Delgado e seus velhos amigos esquerdistas de Cuatrotablas ainda fazem algumas montagens. Nunca gostei muito, mas é preciso reconhecer que marcaram o teatro independente peruano, quer dizer, o de Lima, o que representa praticamente todo o país.

- Já eu, meu grupo preferido era Ensayo. Mas sei que não estão mais atuando.

- Você pode ver Gianfranco Brero de vez em quando na televisão ou no cinema. Luis Peirano, como você sabe, é agora ministro da cultura e é melhor que seja assim. Quanto a Alberto Isola, continua fazendo teatro e, aliás, com bastante sucesso.

- Infelizmente, pude comprovar isso no ano passado. Queria vê-lo no teatro de Larcomar. Impossível encontrar um lugar.

- Eu me dou bem com o Alberto. Da próxima vez que você quiser uma entrada, me avise.

Estava contente em rever Claudio. Estranhamente, sua idade avançada não mudara nada. Sentia-me jovem ao seu lado. Degustamos a *jalea* na companhia de cervejas Pilsen. Quando lhe disse que havia começado uma nova pesquisa, ficou feliz. “Temia que você estivesse em uma pré-aposentadoria, dando algumas aulas e sem participar mais da vida intelectual.” Dei-lhe detalhes. Ah, a vida após a morte, o espiritismo, nossa, não, ele nunca teria pensado nisso... “Tem certeza de que não está virando sectário? Sob o pretexto da pesquisa, você não está se tornando kardecista ou um seguidor da Boa-mãe? Porque, esse tempo todo no Père Lachaise, convenhamos!” Não tinha essa preocupação. Aliás, minha pesquisa estava apenas começando. “Sim, mas e quando tiver lido esses autores de que fala? Provavelmente vai

querer também encontrar espíritas e, porque não, assistir a sessões...” Não me havia tornado senderista depois do doutorado! No entanto, tinha estado em contato com eles. E nos anos 80, para um francês de esquerda, saber distinguir os fatos com essa ideologia não era simples. Havia manifestações a favor do Sendero Luminoso em Paris e refugiados políticos provenientes do movimento. Não é possível fazer uma pesquisa sem ideias pré-concebidas, explorar cientificamente os pontos de vista? Se existem fenômenos relatados por um grande número de pessoas, pode-se considerar, com certa lógica, que é útil interessar-se por eles. Claro que adotar essas crenças, digamos assim, apesar dos avisos dos fundadores do espiritismo, não seria melhor. Não estava sendo totalmente sincero com Claudio ao não lhe dizer diretamente que não entendia como se podia questionar o conjunto dos fatos “sobrenaturais”. Utilizei minhas ferramentas científicas de costume.

- Mas, mesmo assim, você deve reconhecer que a repetição desses fenômenos não é insignificante. Você ouviu falar disso, como todo mundo. A recorrência desses testemunhos é impressionante. Sabe o que são as experiências de quase-morte?

- Entendo que é quando vamos morrer.

- Sim, essas pessoas voltam à vida, sendo que estavam morrendo. Li vários testemunhos, até encontrei um compatriota seu que teve essa experiência. Aliás, sua esposa e ele são muito simpáticos, preciso apresentá-los a você. Assim como em nosso exercício bem francês da dissertação, tenho a tese, a antítese. O problema é que me falta ainda a síntese. Em termos gerais, seria possível que milhões de pessoas fossem vítimas da mesma alucinação? E, em caso afirmativo, isso já seria um fenômeno estranho. Após a morte, haveria pelo menos essa alucinação, pelo menos um certo grau de vida. E do lado da contradição, há vários argumentos: primeira e simplesmente, como funciona? Como imaginar uma consciência sem um cérebro irrigado? Além disso, as visões parecem ligadas ao imaginário cultural do local onde isso ocorre. Um japonês, aparentemente, não tem as mesmas visões paradisíacas durante a experiência, apesar de encontrarmos novamente a noção de túnel. E o espiritismo. Tenho que ler ainda muita coisa sobre o assunto, para começar, os livros de Kardec. Ele não foi reencarnado, como os espíritos lhe haviam dito. Em todo caso, passou despercebido. É verdade que há esse Chico Xavier de quem os brasileiros falam muito. Mas bem, a causa espírita não se desenvolveu muito no século 20. E esse século está longe de ser o do paraíso sobre a terra que previa o utopista século 19. Foi, ao contrário, o século dos grandes massacres, das matanças mecanizadas e, claro, dos holocaustos. Enfim, e acima de tudo, não posso ir verificar...

- Não se preocupe, respondeu Claudio com bom humor, considerando-se minha idade avançada, poderei em breve fazer isso para você. Mas não acredito que volte para te contar. Bom, saúde! disse ele, terminando seu copo de cerveja.

Fiz o mesmo, à moda peruana, antes de retomar:

- No início do século 20, alguns anos antes da Primeira Guerra Mundial, um certo Hyppolite Baraduc, que era médico, tentou fotografar a alma humana deixando o corpo físico. Fez isso após a morte da sua mulher. A foto que tirou quinze minutos após sua morte mostra uma espécie de nuvem branca que sai do cadáver. Falou-se de duplo psíquico.

- Tenho a impressão de que você gostaria de acreditar nisso.

- Provavelmente. Gostaria de saber o que nos espera, sim. Você não? Não é uma pesquisa fundamental?

- Meus combates sempre me afastaram das superstições. Mas como tenho 80 anos, é certo, vou morrer em breve.

- Já que você tocou nesse assunto, tem-se menos medo da morte à medida em que ela se aproxima?

- Acho que também gostaria de acreditar na sobrevivência. Na verdade, apego-me cada vez menos à esta terra, mas é verdade que tenho uma apreensão sobre o que vai acontecer no momento exato em que eu morrer. A vida é como um filme que repassamos várias vezes. E, mesmo se meu filme até que me agrada, não gostaria de revê-lo por mais dezenas de anos. Quando penso que posso morrer amanhã, digo que se me prometessem a eternidade, me angustiará ainda mais. Na minha idade, estamos cansados. Você já deve estar sentindo um pouco isso...

- É verdade. Talvez o envelhecimento nos prepare para a morte. Várias vezes disse isso para mim.

- Em todo caso, os prazeres materiais desaparecem pouco a pouco. Se fizer uma lista da evolução da minha vida, lembro-me de ter perdido o gosto por dormir tarde, depois o de discutir por nada. Você sabe quando não tem mais vontade de convencer pessoas contra as quais teria protestado vigorosamente na juventude. Tornei-me um pouco mais prudente, mesmo se ainda fumo, em relação a tudo o que bebo e como, apesar de estar fazendo uma exceção hoje com você. E, claro, é preciso citar o prazer sexual que é apenas uma lembrança. Meu corpo secou, essa é a verdade.

- Sim, entendo.

- Espero, ao contrário, que você não entenda muito bem e que o seu celibato seja uma festa bem alegre!

- Sim, Claudio, claro!

Kardec havia escrito: « Por que vocês têm medo da morte se morrem todas as noites?» Claudio só tinha mesmo medo do instante da morte?

- Não sei. No entanto, deveria, disse ele tornando-se sério novamente. Ela ronda à minha volta. Sei que é a minha vez, pois ela ataca neste momento a minha geração. A geração anterior não está mais aqui. Mas o que me dá medo é morrer em um hospital ou em um asilo. Aliás, não, não é verdade. O que me dá medo é passar muito tempo nesses locais. Porque, na verdade, mais difícil do que a morte, suponho eu, é esperá-la em um corredor, sem poder pensar em outra coisa. Quanto à morte, deve ser apenas um instante e depois, plaft, nada mais.

- Concordo plenamente. Já eu, dei-me conta há alguns anos de que o que me dá realmente medo é não morrer verdadeiramente. Permanecer consciente. Descobri isso porque várias vezes peguei-me dizendo que não queira de forma alguma ser cremado. O que é isso senão o medo de ser queimado vivo?

- De morrer vivendo, afinal?

- Acho que tenho medo também de ver meu corpo se decompor ou mesmo de acordar em um caixão.

- Em resumo, o que você tem são visões do inferno. Para um ateu, você está de parabéns! Deveria ler Montaigne, ainda mais você que pode fazer isso em francês.

- Li os Ensaios.

- Então, ouça esta frase que não esqueci: “A morte é menos temível do que o nada, se é que alguma coisa menos do que o nada é possível.”

Para se meditar...

Terminamos nossa conversa dizendo que, no final das contas, eram os jovens que tinham mais medo da morte. Uma maneira confortável de eliminar a discussão para falar de outra coisa.

Assim que voltei para casa, tive vontade de verificar o que dizia Montaigne. Sem internet, desta vez. Os Ensaios estavam há muito tempo sobre uma pilha de livros no meu quarto, diante da minha cama, bem na minha frente. O capítulo “De como filosofar é aprender a morrer” chamou minha atenção. Nele, encontrei a frase dita por Claudio: “A morte é menos

temível do que o nada, se é que alguma coisa menos do que o nada é possível.” O problema era o antigo francês do século 16 utilizado pelo autor. Velho, Montaigne não havia sido realmente apesar de, como se sabe, ter vivido até os 59 anos, o que não era tão pouco para a época. Eu iria fazer justamente 59 anos no ano seguinte... Tomei nota de alguns aforismos pungentes: “Viver muito ou pouco tempo é a mesma coisa diante da morte. Pois nem o longo nem o curto podem ser aplicados ao que não mais existe.” “Portanto, é tão insensato chorar porque não viveremos mais daqui a cem anos, como chorar porque não vivíamos há cem anos atrás.” “Se tirastes proveito da vida, estais saciado; podeis sair dela satisfeito. Se não soubestes aproveitá-la, se ela vos foi inútil, que vos importa tê-la perdido, para que a quereis ainda?” “ E se vivestes um único dia, vistes tudo: um dia é igual a todos os outros. Não há outra luz nem outra noite.”

E enfim: "Todos os dias levam à morte, só o último a alcança". Até então, cada vez que o nome de Montaigne me aparecia, no acaso de meu olhar sobre minha estante ou de um podcast de um programa de rádio francesa, dizia que ele havia escrito muito pouco para ser uma celebridade tão grande. Passei a entender melhor a partir de então. Depois desses aforismos profundos, questionei-me sobre a analogia espírita entre o sono e a morte. Pareceu-me muito sensata. De fato, nosso espírito se separava de nosso corpo todas as noites para viver a aventura dos sonhos, fazer encontros, se deslocar em outros locais além do nosso quarto.

A morte real instalou-se em minha vida. Um de meus colegas, que seis meses antes havia descoberto um câncer no pâncreas, faleceu no Hospital Nacional Hipólito Unánue. Era o prazo que os médicos lhe haviam dado. Tinha quarenta e um anos e era a cordialidade em pessoa. Um homem que sempre queria aproximar os outros, cheio de simpatia, gentileza e também humor. Tínhamos um jogo entre nós, as piadas políticas. Fui tomado de uma tristeza que não teria imaginado, que me fez perceber a amizade que tinha por ele. À tristeza, juntavam-se a incompreensão e um sentimento de revolta.

Por que ele, por que tão cedo? Revia-o com sua grande altura, seu sobrepeso que devia evidentemente ter perdido em seu combate fracassado contra a morte e tinha dificuldade em imaginar que ele não existia mais. Como explicar? Era um homem que tinha um lugar evidente neste mundo. Fui até o hospital com dois de meus colegas para lhe dizer adeus, no dia seguinte a seu falecimento. A ida até Surquillo era uma prova. Ia ver um cadáver. Fizemos-nos descer em um subsolo. O corpo estava sobre uma pequena cama com rodinhas, como um carrinho. Não havia outros familiares nesse momento. O cômodo com muros acinzentados também estava vazio de mobiliário. A morte tinha uma aparência melhor. Seu corpo todo estava visível. Tinha

sido vestido com um terno escuro. Surpreendi-me achando-o elegante. Talvez tivesse sido possível colocá-lo em um de seus ternos antigos, já que a doença havia vencido seus quilos a mais. Seu rosto estava magro, mas descansado. Observei-o sem pressa. O local e as circunstâncias me permitiam fazê-lo. Os olhos do morto fitavam o teto. Era um momento no qual não se podia mais falar de olhar, mas sim de órgãos que iam desaparecer em breve. Reconheciam-se ainda os traços de Gustavo. Seu bigode permanecia vigoroso. Em seu rosto havia ao mesmo tempo ausência de expressão e calma. Sussurrei seu nome para lhe dizer adeus. Mas quem era esse corpo? Era ele ainda? Onde estava? Eu não tinha a impressão de que seu espírito estivesse presente e ele não voltaria para dizer o que havia vivido ao morrer. O que havia sentido nesse momento? No momento em que percebeu que estava partindo, que não havia mais a possibilidade de voltar à vida? Era irritante não saber. Pensei novamente na frase de Montaigne. A morte era menos temível do que o nada? Como imaginar o nada? Quando criança, me perguntava o que era o nada, a não existência após a morte e tinha então a impressão de cair no vazio. Não tinha evoluído tanto desde então. O cômodo em que Gustavo se encontrava não era tão opressor. Meu último pensamento, ao sair, foi o de que a morte não parecia tão dramática na aparência de meu colega.

Do lado de fora, encontramos sua irmã. Nós a abraçamos. Ia entrar para ver seu irmão e seus olhos ainda não estavam úmidos. Chegou mesmo a nos recompensar com um sorriso. Esse sorriso, que evocava demais a bondade do morto, trouxe-me mais dor do que consolo. “Gustavo morreu jovem, é verdade, disse ela, mas com certeza realizou o que tinha a fazer nesta terra.” Há um tempo atrás teria creditado essa frase a um catolicismo exacerbado, mas, desta vez, quis saber mais. Cada um tinha uma missão na Terra e a dele era ajudar os outros. Aqueles que o conheciam estavam ainda mais tristes pelo fato de ele ter sido bom com todos. Mas toda missão chegava ao fim. Talvez a sua tivesse terminado. Estranha recompensa encurtar a vida de alguém que merecia viver bem mais do que muitos de seus congêneres. Essa missão lembrava o que havia lido em relação a Kardec, a quem os espíritos falavam de seu papel na terra e de seu fim próximo. Só restava esperar que o espiritismo dissesse a verdade no que diz respeito a Gustavo. Conhecia muitas pessoas que não gostaria de reencontrar como espíritos. Li mais tarde sobre isso, nas Cartas do Cristo, que se o tempo existe é talvez porque tenhamos objetivos a atingir.

À noite, fui tomado por um súbito impulso. Encontrei o e-mail de Gustavo e decidi lhe escrever uma mensagem. Falei da amizade que sentia por ele e disse-lhe que tinha ido embora



cedo demais, provavelmente sem saber a dimensão da tristeza que deixava à sua volta. Esperava que não tivesse sofrido muito e não tive coragem de lhe escrever “Até breve”. Quando ia clicar em ‘enviar’, pensei que a mensagem iria para um destinatário tão evanescente quanto o próprio meio informático do e-mail. A internet era um mundo paralelo. Em um bom romance fantástico, o remetente receberia uma resposta.

No dia seguinte, recebi uma.

Quando vi o nome de Gustavo aparecer no endereço eletrônico, meu coração disparou. “Obrigada, Jim, ficamos muito tocados pela sua mensagem e Gustavo também teria se sentido assim...” Estava assinado pela irmã mais velha de meu colega. Realmente, essa família demonstrava solicitude para com os outros até o fim. “Vamos lá, Jim, disse para mim mesmo, não faça essa cara, a internet não é o além, supondo-se que exista um.”

Havia lido no primeiro texto de Allan Kardec, *O livro dos espíritos*, algo a respeito do envelope corporal. Consultando o livro, encontrei primeiramente uma frase que definia as duas entidades do ser humano. A doutrina espírita parte do princípio de que existe um ser independente da matéria e que o mesmo sobrevive ao corpo. É a alma para os cristãos. “A alma é um espírito encarnado cujo corpo é apenas um envelope”, li mais adiante. Essa palavra “envelope” me parecia justa. Ela correspondia ao que havia sentido diante do cadáver de Gustavo. Um envelope muito bem feito, maquiado, vestido pelos funcionários do necrotério do hospital. Um objeto artificial, uma ilusão que duraria apenas o tempo que precede a desintegração ou a cremação. Anotei uma citação: “Há três coisas no homem: o corpo ou o ser material, análogo aos animais e animado pelo mesmo princípio vital; a alma ou o ser imaterial, espírito encarnado no corpo; o laço que une a alma e o corpo, princípio intermediário entre a matéria e o espírito.” O animal animado, mas sem alma, não era um conceito novo. Mas pensei novamente na questão da identidade psíquica que Charbonier, o médico anestesiologista que se interessava pelas experiências de quase-morte, dizia não se situar no cérebro. Segundo essa teoria – sempre era preciso trilhar os caminhos mais absurdos para, eventualmente, demonstrar sua ausência de lógica – os animais podiam, portanto, possuir uma inteligência, localizada em seu cérebro, mas não uma alma. Qualquer pessoa que se interessasse pelos animais sabia que eles podiam demonstrar certa inteligência: memória, esperteza, orientação... De acordo com os espíritas, “o homem tinha [tem], desta forma, duas naturezas: pelo seu corpo, ele participava [participa] da natureza dos animais da qual tinha [tem] os instintos; pela sua alma, participava [participa] da natureza dos espíritos.” A morte era então “a destruição do envelope mais grosseiro” e o espírito conservaria “o segundo envelope, que constituía para ele

um corpo etéreo, invisível.” Devia reconhecer, uma segunda vez, que os termos “envelope grosseiro” correspondiam bem à impressão que tive diante do cadáver do caro Gustavo.

Kardec transcrevia o alívio que pode representar a perda do corpo, entidade onde a dor é sentida. Não é preciso estar imerso no espiritismo para imaginar que as pessoas doentes possam preferir morrer a sofrer seu martírio. Lembro-me, no entanto, da reportagem com o Dr. Raymond Moody. Dois homens haviam declarado estar felizes por terem se separado de seus corpos durante uma experiência de quase-morte. Um deles dizia que podiam ficar com seu corpo e o outro, que o detestava.

*O livro dos espíritos* seria supostamente uma conversa com esses mesmos espíritos. Para a pergunta feita a um deles, “Como o espírito considera o corpo que acaba de deixar?”, Kardec anotou a seguinte resposta: “Como uma roupa ruim que o incomodava e da qual ele está feliz por ter se livrado.”

A fim de acelerar minhas pesquisas sobre a palavra “corpo”, havia digitado esse termo em meu computador, no arquivo em pdf do *Livro dos espíritos*. Foi assim que me deparei com um trecho que explicava que o sofrimento físico podia continuar mesmo após a morte. Basicamente, o espírito podia sentir a lembrança de uma dor sem identificar que se tratava apenas de uma reminiscência. Mas havia casos piores. Kardec se referia à comunicação com um suicida que sentia que os vermes o corroíam. E isso acontecia, segundo ele, porque observava seu corpo e o via sendo atacado de fato por esses bichinhos gentis. Realmente encantador! De acordo com essa teoria, era preciso então que eu observasse meu corpo queimando, caso ele fosse cremado. Nesse caso, viva o grande vazio!

A questão do destino do meu corpo era importante, mas não tem mais razão de ser onde me encontro agora. Preferia ser enterrado devido ao medo do fogo da cremação. Mas o que me tornaria dentro de um caixão fechado, na escuridão, no frio, com minha carne apodrecendo? Em geral, li mais adiante no livro de Kardec, o mais comum era que o espírito olhasse a decomposição de seu corpo com indiferença. Ufa! Mas eis que Kardec e seus espíritos, um pouco depois no mesmo livro, qualificavam a encarnação como um sofrimento bem maior do que a desencarnação: “O momento da encarnação está associado a um transtorno parecido com a que ocorre na saída do corpo?” - Muito maior e, sobretudo, mais longo. Na morte, o espírito deixa a escravidão; no nascimento, entra nela.” Ora, que ideia! Eis que o nascimento era um sofrimento maior do que a morte. Nos dois casos, falava-se de libertação.

Existem coincidências<sup>38</sup> que, se acontecessem em um romance, seriam difíceis de se acreditar. Algumas semanas após ter retomado o livro de Kardec & Cia, fui convidado para uma conferência sobre o budismo. Foi após um encontro que aconteceu em uma tarde no Manolo's da Rua Larco. Quando tinha vontade de comer uma empanada, acompanhada geralmente de um café, ia até lá. Ao sair do local, dei literalmente de encontro com uma pessoa que não via há muito tempo. Era uma mulher. Caminhava a passos largos e olhava firmemente à sua frente. Não me viu e evitamos um encontrão no último instante, momento em que percebi que se tratava de alguém conhecido e que a olhei com atenção. Bom dia Lis-Angela, há quanto tempo. É verdade, Jim, como você está?... Era uma amiga da minha ex-mulher, Roberta, e devo admitir que sempre tive uma queda secreta por ela. Para dizer a verdade, chegava até a ter fantasias constantes com essa loira alta de formas generosas. Não a tinha visto mais desde o divórcio. A idade não a parecia atingir. Seu aspecto físico e o fato de ter vivido na Califórnia com seus pais lhe deram o apelido de L.A. Fazia parte dos raros peruanos que haviam voltado. O milagre abastado dos Estados Unidos não a havia retido. Seus pais tinham falecido há pouco tempo, lá em Los Angeles. Isso não foi bom para suas condições financeiras, pois recebia deles uma renda mensal que completava seus modestos rendimentos como professora particular de inglês. Tinham poucos bens e ela os perdeu com os gastos de inventário e o pagamento de dívidas. Tinham um carro, mas o mesmo entregou sua alma um pouco antes deles. Uma expressão, essa última, que os kardecistas não teriam aprovado. Na verdade, não seria o corpo que entregávamos, já que a alma constituía a essência do ser? Pude constatar que a alquimia entre nós se mantinha, a tal ponto que, quando entrávamos no Manolo's para continuar nossa conversa, perguntava para mim mesmo porque não havia entrado em contato com ela antes. É verdade que ela também não me procurara. Tínhamos aproximadamente a mesma idade e seus cinquenta e muitos anos não a haviam deixado menos atraente. Até seus cabelos loiros pareciam naturais, o que não deixava de me surpreender.

- Aonde estava indo com tanta pressa?

- A uma conferência sobre o budismo. Mas tenho tempo. Só começa às 19h.

- Onde é?

- Em Surco. Na Rua Alfredo Franco.

- Você vai como?

- De taxi, eu acho, quer vir comigo?

---

<sup>38</sup> Emprego essa palavra após ter escrito que ela havia deixado meu vocabulário...

Minha curiosidade estava aguçada. Essa característica nunca me abandonou e praticamente determinou minha vida. Não faltavam argumentos para que eu acompanhasse a sedutora e fantástica Lis-Angela que estava indo a um lugar sem saber ao certo como. Além disso, eu não tinha nenhum projeto específico para aquela noite e só daria aula no dia seguinte, no final da manhã. Paramos um taxi Tico<sup>39</sup> na frente do Banco de Crédito de Larco. Ele nos deixou no Centro budista Camino del Diamante às 18h46 por um preço módico que poderia ter sido o de nossas vidas, considerando-se a fragilidade do veículo e modo de guiar do condutor. Era estranho. Parecia uma casa. Nenhuma placa. Uma parede amarela protegia a residência da rua com suas habituais portas de entrada e de garagem em madeira. Era aqui mesmo. L.A. já tinha vindo antes. Pagamos ao responsável da recepção, sentado diante de uma pequena mesa, os 10 soles “sugeridos”.

- Não imaginava que fosse pago.

- Não é, disse L.A. Você está vendo que eles sugerem uma contribuição. É um evento especial. Estão comemorando 40 anos de existência.

- Há quanto tempo você se interessa pelo budismo?

Estávamos em uma grande sala fria onde uma dezena de pessoas já estavam sentadas. “Com certeza, isso vai dar dor nas costas”, disse para mim mesmo ao avistar as cadeiras.

- Não sou budista, ainda não, disse Lis-Angela lentamente, como se quisesse medir as palavras, a menos que fosse por simples indolência.

Minha energia estava tomada pelo encanto dessa displicência.

- Mas é o tema de hoje que me interessa acima de tudo. “Sentido da vida e da morte para um budista.”

- Pois fique sabendo que não podia cair melhor. Estou trabalhando sobre a vida após a morte do ponto de vista dos espíritos.

- Você se interessa pela história das religiões, é isso?

- Digamos que sim. E você, o que a leva a se deslocar de Miraflores até Surco?

- A morte.

Lis-Angela sabia criar suspense. Informava-se sobre a morte. Não havia começado pelos espíritos. O budismo era a sua primeira etapa.

- Tem medo da morte?

- Acho que sim, e você?

---

<sup>39</sup> Pequeno carro da marca Hyundai que, nos anos 1990 e 2000, era muitas vezes o veículo dos taxistas não oficiais.

- Tenho certeza que sim, reconheci.

Mas há uma certa idade em que a morte chega de qualquer forma, mesmo que você não se interesse por ela.

- Com certeza, caminhamos em sua direção, alguns mais lentamente, mas caminhamos todos.

Nosso olhar se cruzou nessas últimas palavras de Lis-Angela e sua expressão me fez rir, até que um jovem de óculos, que já estava sentado na sala quando chegamos, voltou-se para trás e me fulminou com o olhar. Era um absurdo. Esse jovem cretino poderia ser um de meus alunos. Lis-Angela não me ouviu, estava concentrada na chegada do palestrante que acabava de subir no palco.

- É um lama, imagino...

Assim que pronunciei essa palavra, por pouco não cai na gargalhada novamente. A brincadeira era inevitável, temos de admitir, mas Lis-Angela seguiu a minha pista.

- É um aprendiz de lama, e não do Peru, disse ela. Esse animal à nossa frente vem da Áustria.

Ofereceu-me o folheto que apresentava a conferência. O palestrante era austríaco e chamava-se Klaus Kaltenbrunner. Era um discípulo do lama Ole.

- Quem é o lama Ole? Um lama local?

- Não, é um dinamarquês. Está escrito aqui também. Seu nome não é olé olé; é Ole Nydahl.

Peguei o folheto enquanto o austríaco se instalava. Os cerca de cem lugares disponíveis eram ocupados pouco a pouco. A palestra não começaria na hora.

Kaltenbrunner era um médico pediatra, neurologista – interessante!, e também psiquiatra. Havia sido iniciado ao budismo no final do século passado. Tornara-se um instrutor internacional, sob a orientação do lama Ole em 2004. Ole, quanto a ele, não se parecia em nada com um lama tibetano na foto que acompanhava sua apresentação. Tinha o físico de um monitor de esqui, queixo quadrado, olhos azuis, cabelos espetados. Não era o tipo que se tornaria um de meus amigos. Durante a infância, tivera sonhos frequentes e lembrava-se de combates com soldados chineses nos quais protegia a população civil do leste do Tibete. Após uma viagem iniciática em 1968 ao Nepal, havia seguido, juntamente com sua mulher Hannah, o mestre budista Lopon Tsecho Rinpoche. Sua mensagem, no final do texto que era dedicado ao mestre, dizia que “o espírito é como o espaço: aberto, claro, ilimitado...”. O nome “Caminho do diamante” era o de uma série de outros centros budistas que havia criado pelo mundo. Falava-

se também de uma prática chamada “morte consciente”. Senti o entusiasmo surgir, como um cachorro cochilando perto da lareira e que teria repentinamente farejado uma pista. O que era essa morte consciente? Torci para que o austríaco - cujo nome evocava irresistivelmente um período que eu havia estudado em detalhes - falasse sobre isso. L.A. sabia algo a respeito? Sim, isso também havia chamado sua atenção e feito com que viesse até ali. Ainda assim, surpreendia-me o fato de que uma mulher que eu sempre havia visto como alguém superficial se interessasse seriamente pela vida após a morte.

Havia esquecido que o caminho do budismo passava pelas armadilhas linguísticas. Kaltenbrunner, um homem bem mais simpático do que seu sobrenome, nos bombardeou com termos tibetanos incompreensíveis. O Phowa era quando a consciência era transferida diretamente para Dewachen, terra pura do Buda Amitabha. A linhagem Drikung Kagyu tinha um local especial nessa prática. Ayang Rinpoché ensinava Phowa tanto da linhagem Nyingma como na Kagyu...

Nossa! Seria preciso se concentrar! O que fiz, e não em vão. Sabia que o budismo concebia uma existência após a morte. E isso era praticamente tudo. A prática de Phowa, ou seja, o Caminho do diamante, que o lama Ole, mestre de Kaltenbrunner, ensinava, tinha por objetivo aprender a morrer conscientemente e a transportar a consciência, no momento da morte, em direção ao prazer. Parecia que o Phowa estava bem adaptado à nossa época. Essa técnica, que Ole havia ensinado para mais de 80.000 pessoas, era rápida. Tratava-se de um caminho simples e direto que dispensava meditações. Era preciso combinar respiração, recitação de mantras e técnica de visualização. Éramos então transportados até Dewachen, isto é, a terra pura do Buda Amithaba. Havia nove portas que eram as portas do mundo. A décima era a do nirvana. Não devíamos nos enganar: “Se você fechar as nove portas, obterá certamente o caminho da libertação.” O desespero, diante da aproximação da morte, devia desaparecer com a prática regular do Caminho do diamante. Um caminho de grande valor, sem dúvida alguma. O espírito era como o espaço: aberto e ilimitado...

Kaltenbrunner informou que o Phowa era muito apreciado pelos ocidentais budistas. Nada surpreendente.

Evitamos, L.A. e eu, o tradicional café sem gosto do final da palestra com biscoitos amolecidos, não sem termos cumprimentado Klaus Kaltenbrunner antes de sair. Nem pense em voltar sozinha, Lis, acompanho você de volta. A não ser que você aceite tomar um café em casa. Meu café era bem melhor. Kaltenbrunner estava surpreso por encontrar um francês. Falava um

pouco a minha língua e tentou dizer algumas palavras. Eu quis saber se a neurologia tinha um papel em seu interesse pelo budismo. Pensava no Dr. Charbonier, que havia sido levado por ela às experiências de quase-morte. Era mais coerente falar da relação entre a neurociência e o budismo. A neurologia estudava as doenças do sistema nervoso e se integrava na neurociência. O sentido dessas duas palavras não era desconhecido para mim, mesmo se, antes das pesquisas que fazia na época, teria bocejado diante da perspectiva de uma explicação científica. O budismo e a neurociência compartilhavam uma visão holística do mundo. Tudo estava ligado, conectado - as células, os neurotransmissores etc., para o cérebro, e todos os seres humanos, para o budismo. Para este, o “eu” não existia, havia apenas a sua ilusão. “Isso significa que todos os fenômenos da vida são desprovidos de individualidade própria. Nenhuma área do cérebro pode pretender ser o centro do eu, da consciência individual. Para o budismo, como para a neurociência, o homem é vítima de ilusões. Os fenômenos não têm realidade própria e definida. Eles podem ser considerados sonhos.” Escutava com cada vez mais atenção. Lembrei-me de um verso de um velho poeta espanhol: “Toda vida é sonho, e os sonhos, sonhos são”<sup>40</sup>. « De acordo com a neurociência, a percepção do mundo pelo homem é sempre uma ilusão, pois toda a informação deve passar pelas redes de neurônios, e depende da atividade deles. Até o conteúdo da memória é modificado, alterado, influenciado pelas emoções. Além das ilusões – como as ilusões de ótica que acontecem regularmente devido às leis da física – as sensações são sempre interpretadas pelo cérebro para se tornarem percepção.” “A consciência do objeto não é mais o objeto. Assim, nunca podemos ver a realidade tal como ela é.” Kaltenbrunner, muito entusiasmado, explicou em seguida que, tanto no budismo como na neurociência, eram as emoções que causavam os transtornos. Para ele, o budismo não era sobrenatural ou esotérico. O espírito-cérebro representava sua profundidade, com recursos imensos, bastava descobri-los. Guardava literalmente essas palavras, às vezes desconexas, para selecioná-las e reorganizá-las mais tarde, em meu material de pesquisa.

Quem tem a sorte de viver bastante tempo se dá conta realmente do quanto nossas percepções mudam ao longo dos anos. Muitas vezes, essas evoluções dizem respeito a pequenas histórias do cotidiano. Havia notado, por exemplo, com a proibição do cigarro em lugares públicos, como as mentalidades tinham evoluído. Achávamos normal, até os anos 2000, ficar em locais fechados cheios de fumaça. Sabíamos que era nocivo, mas estávamos condicionados a não nos preocupar com a questão. A proibição levantou o que estava coberto,

---

<sup>40</sup> Pedro Calderón de la Barca, *A vida é sonho*.

como o véu de que falam os budistas em busca do despertar, e passamos a nos perguntar, nos anos 2010, como havíamos podido suportar a situação anterior.

Lis-Angela e eu retornamos a Miraflores pensativos, como um velho casal que volta para casa após um filme no qual cada um pensava de seu lado.

- É bonito o seu apartamento.

- É verdade que você nunca tinha vindo aqui. Aliás, não a tinha revisto desde meu divórcio. Você ainda vê a Roberta?

- Faz pelo menos seis meses que a gente não se vê. Quando não ligo para ela, não tenho notícias.

- A bela amizade de vocês teria chegado ao fim?

- Pois é, ela não costuma sair muito, mas eu também não.

Enquanto Lis-Angela falava, eu a observava, sentada no sofá, e achei que estava mudada, afinal. Não sabia dizer em quê. Mais magra, com certeza, com traços mais marcados, o que lhe dava um certo charme. Também parecia mais séria e chamei sua atenção para isso.

- Ok, mas minha seriedade não me impede de reconsiderar o seu convite. Não duvido de que o seu café seja ótimo, mas se você tivesse, digamos, um uisquezinho, eu não recusaria.

- É para já. Vou até a cozinha buscar gelo.

Com o copo na mão, falamos sobre a conferência. Tentei reunir o máximo de informações possíveis.

- Há uma palavra que Kaltenbrunner não pronunciou, “o nirvana”, disse eu. Essa história de transportar a consciência, na hora da morte, em direção ao prazer corresponde ao caminho em direção ao nirvana, não é?

- Sim, mas o nirvana não é o que chamamos de prazer por aqui, um tipo de júbilo extremo, de paraíso, de emoções intensas. Na verdade, trata-se mais do contrário. É o resultado dos ciclos de reencarnações que correspondem à aniquilação dos sofrimentos e dos desejos. É assim que se torna buda.

- Aprender a morrer, de certa forma.

- Sim, aprender a morrer.

- Você vai me contar porque se interessa pelo budismo?

- E você?



- Eu, bem, me interesso mais pelo espiritismo neste momento. Mas, veja bem, não é algo pessoal e sim uma pesquisa como qualquer outra.

- Claro.

Lis-Angela não levou mais adiante as vantagens da ironia.

- De certa forma, você estuda cientificamente o paranormal, que o mais comum dos mortais considera como sendo o contrário da ciência? disse ela.

- De certa forma, sim. Mas é preciso acrescentar que estou tentando fazer esse estudo. Ainda não está muito adiantado. Tento reunir informações aos poucos.

- Ouvi falar de um pesquisador, Dr. Ian Stevenson<sup>41</sup>. Acho que ele morreu.

- Em qual de suas vidas?

Ela não respondeu nem sorriu.

-Escreveu um livro que se chama *Vinte casos que sugerem o fenômeno de reencarnação*. Não li, mas talvez você devesse ler.

- Vou procurar por esse título, sem falta. E aliás, sobre esse mesmo assunto, gostaria de saber se os budistas, assim como os espíritas, consideram o corpo como um simples envelope cuja morte liberta o espírito.

- Pelo que sei, a palavra « envelope » corresponde bem à visão dos budistas. Há uma frase de um monge vietnamiano que não esqueci. Dizia que a vida de um ser dura apenas um único instante de consciência e que, assim que esse instante acaba, o ser acaba também. A morte dá lugar a outra forma de existência. A consciência na hora da morte ressurgue no nascimento em um outro corpo e condiciona a nova vida.

- Por isso, as impressões de déjà-vu, continuei.

- E o amor à primeira vista, li isso em algum lugar. Deixemos o amor de lado, por enquanto. Quero acreditar que ainda há algo de natural, mas li também que as impressões de déjà-vu seriam anomalias momentâneas ou mais duradouras do cérebro. Aliás, parece que os esquizofrênicos vivem esse fenômeno frequentemente.

Olhando meu copo, eu brincava com os gelos no fundo do uísque, fazendo-os tilintar.

- O espiritismo também se baseia claramente na reencarnação, observei. Mas acho que ela nunca é instantânea.

- Para os budistas também não, de fato, pois é possível renascer como espírito e até como animal. Fique tranquilo, não reaparecemos como um animal se tivermos nos portado mal, sorriu L.A. Na verdade, no budismo, o que é importante é a noção de continuidade. Nossos

---

<sup>41</sup> Ian Stevenson, *20 cas suggérant le phénomène de réincarnation*, J'ai lu, Poche

atos determinam nosso karma que constituirá nossa existência futura. Mas não há alma eterna, propriamente dita.

Para os espíritas, trata-se justamente do espírito. Há essa questão do terceiro olho, que me levou a ler algumas coisas. É puramente budista, não é?

- Não sei ao certo, preciso dar uma olhada.

- Não tem medo de ficar caolha?

Voltamos a cair na gargalhada pela terceira vez naquele dia. Era surpreendente como descobríamos uma cumplicidade entre nós. E afinal, Lis-Angela, mesmo que estranhamente atraída pelo budismo, não tinha se tornado uma praticante obcecada.

- O terceiro olho, se me lembro bem, é o do conhecimento, disse ela assim que retomamos a conversa de forma séria.

- Sim, teve uma mulher estranha que me falou disso no Brasil.

Contei a conversa com a loira alta durante a apresentação do livro da minha tia, em Ouro Preto.

- Ela parecia sair de uma coincidência, essa mulher. Aliás, pensando bem, ela se parecia mais com um personagem do que com uma pessoa.

- Como assim?

- Bem, um ser evanescente, como que possuído, vem lhe falar de fantasmas bem na hora em que você começou a brincar de “caça fantasmas”?

- Você brinca de “caça fantasmas”?

- O que quero dizer é que comecei a me interessar pelo além. Você entendeu. Parecia que ela havia sido colocada lá para fazer a história avançar. No entanto, sua aparência era bem real.

- Você deveria ter tocado nela.

- Talvez. Mas outras pessoas que a viram disseram-me quem ela era. Foi o suficiente para mim. Parece que as coincidências existem. Você está trabalhando sobre um tema e encontra pessoas que o reconduzem a ele, sem saber que você está tratando do assunto. Aliás, você também é uma coincidência nessa história. Não esqueça de que você passou bem na hora em que eu saia do Manolo's e que estava indo ao centro budista. Será que você não podia, como todo mundo, ir ao supermercado ou até mesmo a uma livraria, apesar de elas terem cada vez menos gente? Não, você tinha que ir justamente ao centro budista. Ainda mais você, que eu nunca teria imaginado.

Não sabia que viveria no dia seguinte uma nova coincidência.

- Kardec diria que um espírito olha para mim e me guia, acrescentei. E você, o que sabe sobre o terceiro olho?

- Não muita coisa, apenas o que dizem os budistas. Que é o caminho do conhecimento. E para os hindus, acho que é desenhado sobretudo na testa das mulheres. É chamado de tilak. Tem o objetivo de despertar a força criativa do ser. Para os budistas, é um chacra, um ponto de comunicação entre o cosmos e o sobrenatural.

- Para alguém que não sabe muita coisa, você está bem informada. Porém, não tenho certeza de que esse olho seja desenhado exclusivamente na testa das mulheres na Índia. **Sabe** que produto eles usam para desenhar esse terceiro olho? Só por curiosidade. São cinzas?

- Acho que são cinzas dos mortos, quando tem essa cor. E utilizam sementes de cúrcuma no caso do vermelho.

- Depois que a estranha mulher de Ouro Preto me disse que era preciso abrir o terceiro olho, fiz algumas pesquisas na internet. Há um autor britânico que adotou um nome indiano. Era chamado de Lobsang Rampa e escreveu um livro que se chamava justamente *O terceiro olho*. Contava que era possível fazer um orifício onde os indianos colocavam o tilak, na testa entre os dois olhos, para abrir esse famoso terceiro olho. E isso permitiria ver a aura. Li também que se tratava de um acesso às experiências de quase-morte, de morte iminente.

- O que é preciso entender a partir dessas expressões? Que a morte é iminente?

- E que voltamos dela, no caso das experiências de quase-morte. As experiências são relatos dos que voltaram à vida. E, geralmente, eles sentem muito por ter voltado.

Bem depois que Lis-Angela foi embora, a luz de meu apartamento permanecia acesa. Comecei buscando, nos textos de Allan Kardec, menções ao terceiro olho. Havia salvado esses textos em meu computador, o que simplificava a verificação. Nada no Livro dos espíritos. Nada também no Livro dos médiuns. E também não na Gênese, nem nos Milagres e predições segundo o espiritismo. Decidi passar para o livro de Ian Stevenson e seus “vinte casos que sugeriam o fenômeno da reencarnação”. Havia a história da pequena indiana de três anos, Meenu, que, no final dos anos 70, dava indicações muito precisas sobre a morte de uma jovem Sudha. Esta havia sido encontrada perto de uma ferrovia. A investigação mostrou que havia sido estrangulada e jogada embaixo de um trem. A menina acusou o Dr. Vinay, marido da jovem, fornecendo detalhes muito precisos que ela não poderia ter inventado. Essas informações ajudaram a desmascarar o culpado, que foi condenado.

Como ainda não estava com sono, deixei-me levar por outras pesquisas que me conduziram a outro cientista, Dr. Brian Weiss, psiquiatra e especialista da teoria da hipnose. O que me deu vontade de continuar a leitura na tela foi o fato de ele se dizer incomodado por ter sido confrontado com fenômenos paranormais. Para alguém com um diploma de Yale, isso não dava um ar muito sério. Nas sessões de hipnose, notou-se que determinados pacientes eram capazes de regressar a vidas anteriores, às vezes até bem antigas. Um deles descreveu uma época que parecia de vários milênios atrás.

De fato, os cientistas deviam se confrontar cada vez mais com as questões desconhecidas do além. Aliás, os conhecimentos do homem nas duas áreas tinham evoluído juntos. O espiritismo nascera com o cientificismo, e o progresso da medicina fazia com que os relatos de experiências de quase-morte se multiplicassem. E se a ciência conseguisse, nos próximos anos, trazer explicações sólidas para os fenômenos paranormais?